



**UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR**

**Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura**

**Mestrado Integrado em Arquitectura**

Projecto de Mestrado  
Com vista à obtenção de grau de mestre em Arquitectura

**Óbidos – Uma Vila Histórica**

**Projecto – Consolidação e Dinamização Urbana**

Fábio José Gomes Pereira nº17514

Orientador: Prof. Doutor Miguel João Mendes do Amaral Santiago Fernandes

Co-orientador: Prof. Mestre Jorge Humberto Canastra Marum

Co-orientador: Arq. Rita Zinha

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que participaram neste projecto que directamente ou indirectamente me ajudaram. Aos meus pais por me estarem sempre a lembrar que tenho um trabalho para fazer, à minha namorada que sempre me acompanhou e deu forças e alegria mesmo nos momentos mais difíceis e esteve ao meu lado, aos meus irmãos que provocam sempre momentos de descontração, à Barbara e à Joaquina que me enchem orgulho cada vez que as vejo. Ao Professor Doutor Miguel Santiago e ao Professor Jorge Marum por me terem orientado tão bem e estarem sempre disponíveis. Quero agradecer à Câmara Municipal de Óbidos e ao respectivo GTL, e à Arquitecta Rita Zinha que sempre me deu boas informações e ajudas quando precisei.

Ao meu amigo Francesco Pignatelli que o considero como um irmão, a todos os amigos da R3P1, ao pessoal do 5º ano, e à Joana Nascimento que embora indirectamente sempre me ajudaram nesta luta.

E todo este trabalho não seria possível sem os eclipses que provocam momentos únicos de pura inspiração emocional.

1. Introdução
  - 1.1. Caracterização da vila de Óbidos
  - 1.2. Localização geográfica
  - 1.3. Recursos Ambientais
  - 1.4. Relevos e tipos de solo
  - 1.5. Fauna e Flora
  - 1.6. Acessos e transportes
  - 1.7. População
  - 1.8. Actividades económicas
    - 1.8.1. Sector primário
    - 1.8.2. Sector secundário
    - 1.8.3. Sector terciário
  - 1.9. Percurso urbano
  - 1.10. Tipologia das casas tradicionais
  - 1.11. Oferta turística
    - 1.11.1. Património Natural
      - . Termalismo
      - . Jazidas minerais
      - . Lagoa de Óbidos
    - 1.11.2. Património cultural e histórico
      - . Castelo e Muralhas
      - . Porta da Vila
      - . Pelourinho
      - . Igreja de S. Pedro
      - . Igreja de Santa Maria
      - . Cruzeiro da Memória
      - . Santuário do Senhor da Pedra
      - . Museu Municipal de Óbidos
      - . Aqueduto e Chafarizes
      - . Padrão Camoniano
      - . Igreja de São João Batista
      - . Igreja da Misericórdia
      - . Igreja de São Tiago
      - . Capela de São Martinho
      - . Ermida de Nossa Senhora do Carmo
      - . Ermida de nossa Senhora de Monsarrate
      - . Porta do Vale
    - 1.11.3. Património artesanal
    - 1.11.4. Património gastronómico
  - 1.12. A Ginja de Óbidos
  - 1.13. Tipos de turismo
  - 1.14. Perfil do turista de visita ao Oeste
  - 1.15. Equipamentos turísticos
    - 1.15.1. Hotelaria
    - 1.15.2. Bares
    - 1.15.3. Acontecimentos
  - 1.16. Análise do número de visitantes de Óbidos
  - 1.17. Potencial desenvolvimento – Parecer sobre a Vila de Óbidos.

## 2- Memória justificativa e Descritiva

### 2.1. Programa

### 2.2. Metodologia e conceito

### 2.3

### 2.4

## 3- Bibliografia

## 4- Peças desenhadas

### 4.1. Elementos cartográficos

#### 4.1.1. Área de estudo

#### 4.1.2. Topografia

#### 4.1.3. Topografia e hidrografia

#### 4.1.4. Modelo digital do terreno

#### 4.1.5. Mapa hipsométrico

#### 4.1.6. Mapa de declives

#### 4.1.7. Mapa de exposições

#### 4.1.8. Cartografia

#### 4.1.9. Cadastro rústico

#### 4.1.10. Cartografia

#### 4.1.11. Cadastro rústico

#### 4.1.12. Classes de espaços e condicionantes

#### 4.1.13. Protecção do património edificado

#### 4.1.14. Património arqueológico

#### 4.1.15. Equipamentos colectivos

### 4.2. Fotografias da vila

### 4.4. Fotografias do terreno escolhido

### 4.5. Fotografias da maquete de estudo

### 4.6. Esquissos

### 4.7. Projecto

#### 4.7.1. Planta de localização

#### 4.7.2. Planta de implantação

#### 4.7.3. Planta de piso do terreno

#### 4.7.4. Planta da garagem

#### 4.7.5. Perfil do terreno A e B

#### 4.7.6. Perfil do terreno C

#### 4.7.7. Planta de cobertura do edifício A

#### 4.7.8. Planta de piso do edifício A

#### 4.7.9. Alçado sudoeste e nordeste do edifício A

#### 4.7.10. Alçado sudeste e noroeste do edifício A

#### 4.7.11. Corte do edifício A

#### 4.7.12. Planta de cobertura do edifício B

#### 4.7.13. Planta de piso do edifício B

#### 4.7.14. Alçado nordeste e sudoeste do edifício B

#### 4.7.15. Alçado sudeste e noroeste do edifício B

#### 4.7.16. Corte do edifício B

#### 4.7.17. Planta de cobertura do edifício C

#### 4.7.18. Planta de rés-do-chão do edifício C

#### 4.7.19. Planta do piso 1 do edifício C

- 4.7.20. Alçado nordeste do edifício C
  - 4.7.21. Alçado sudeste e noroeste do edifício C
  - 4.7.22. Alçado sudoeste do edifício C
  - 4.7.23. Corte do edifício C
  - 4.7.24. Planta de cobertura do edifício D
  - 4.7.25. Planta de piso do edifício D
  - 4.7.26. Alçado nordeste do edifício D
  - 4.7.27. Alçado sudeste, sudoeste e noroeste do edifício D
  - 4.7.28. Corte do edifício D
  - 4.7.29. Planta de cobertura do edifício E
  - 4.7.30. Planta de piso do edifício E
  - 4.7.31. Alçado nordeste do edifício E
  - 4.7.32. Alçado noroeste do edifício E
  - 4.7.33. Alçado sudoeste do edifício E
  - 4.7.34. Alçado sudeste do edifício E
  - 4.7.35. Corte do edifício E
  - 4.7.36. Planta de cobertura do edifício F
  - 4.7.37. Planta de piso do edifício F
  - 4.7.38. Alçado nordeste e sudoeste do edifício F
  - 4.7.39. Alçado noroeste do edifício F
  - 4.7.40. Alçado sudeste do edifício F
  - 4.7.41. Pormenores construtivos
- 4.4. Renders
  - 4.5. Maquete final

A história da vila de Óbidos encontra-se escondida no passado. Contudo, o topónimo Óbidos parece ter duas origens possíveis. A que defende que Óbidos provem do termo latino OB-ID-OS, devido à existência de um braço de mar junto às muralhas do castelo. E a outra origem possível é aquela que defende, e é a mais provável, que a palavra Óbidos deriva do termo OPPIDUM que significa cidade fortificada.

A presença humana encontra-se assinalada em Óbidos desde tempos pré-históricos, talvez devido às condições favoráveis que se fazem sentir na região. As memórias e tradições atribuem a fundação da vila aos celtas, estes que terão construído as primeiras muralhas à volta da povoação.

Os romanos também marcaram a sua presença, conquistaram a povoação no século I a.C. segundo memórias existentes, pensa-se ter sido Júlio César a comandar o exército, só conseguindo conquistar a povoação no segundo assalto e com a ajuda de reforços. A vila foi invadida pelo lado oeste, seu ponto fraco, onde o mar chegava até as fortificações. A recém descoberta cidade romana de “*Eburibrittium*” é uma marca importante da presença dos romanos da região. Plínio havia feito referência a esta cidade nas suas escrituras. Durante anos não se conseguiu apurar a localização exacta, mas aquando das obras das estradas IP6 e ICI ficaram a descoberto alguns vestígios que posteriormente foram identificados como a cidade “*Eburobrittium*”. Ao longo do tempo foram notáveis a presença de vários povos, como os visigodos (século V-VI) e os árabes (século VIII e XII). Contudo, a vila esteve na presença dos Mouros até ser reconquistada por D. Afonso Henriques, no século XII. No dia 11 de Janeiro de 1148, D. Afonso Henriques, com toda a sua sabedoria, tomou o castelo e conquistou assim a povoação, expulsando os Mouros. Após a conquista de D. Afonso Henriques, alguns reis da dinastia de D. Afonso, passaram a acarinhar Óbidos.

Em 1186, D. Sancho I vai viver para Óbidos e fortifica a vila incentivando a sua povoação. Já em 1210, com o culminar da época de guerra, é fundada a Casa das Rainhas e a vila de Óbidos é doada a D. Urraca pelo rei D. Afonso II, tal doação desperta a preferência de algumas rainhas portuguesas.

A vila, ao longo do tempo, ganhou muito com a preferência que lhe atribuíram, já que ao acolher as rainhas portuguesas, era beneficiada com uma melhoria das condições e conservação do património que iam instaurando.

Em 1282, D. Dinis ofereceu a vila a rainha Santa Isabel, como prenda de casamento. Óbidos passa a fazer parte do dote de todas as rainhas portuguesas.

Pela vila, passaram D. Isabel, rainha santa, D. Inês de Castro, que ali se refugiou com D. Pedro e D. Leonor que ali se isolou para chorar a morte do seu filho, entre outras. D. Sancho II, permaneceu pouco tempo em Óbidos, mas atraiu muitos fieis e estes formaram a corte em Óbidos.

Os moradores de Óbidos tornaram-se muito fieis a D. Sancho II e resistiram heroicamente as tentativas que D. Afonso III fez para entrar na vila.

Com a morte de D. Sancho II que intitulou Óbidos de “*mui nobre e sempre leal*”, o povo quebrou a sua fidelidade a D. Sancho.

O último dos reis da primeira dinastia, efectuou uma nova reforma ao castelo, mandou construir a Torre de Menagem e doou a vila a D. Leonor Teles, a sua esposa.

Em 1498, D. Leonor de Lencastre, fundou a misericórdia na capela de Espírito Santo. Também D. Catarina de Áustria, mulher de D. João III, deu um cinjo pessoal à vila e mandou construir o Aqueduto para fornecer água à vila.

Em 1755, muitos edifícios da vila ficaram destruídos, assim como as igrejas. A reparação de algumas igrejas, muralhas e edifícios ficou a cargo do conde de Óbidos.

Contudo, Óbidos jamais ficou igual, muito ficou ainda por recuperar devido à falta de verbas.

Em inícios de século XIX, Óbidos ficou também conhecida pela importante batalha da Roliça (situada perto de Óbidos), travada entre tropas Anglo-Lusas e Francesas (de Napoleão). Na altura a Roliça pertencia ao concelho de Óbidos. Durante o estado novo, a imagem da vila foi recuperada e Óbidos era considerada a bandeira do turismo nacional.

A vila de Óbidos foi também a escolhida pelos capitães de Abril, protagonistas da Revolução de 25 de Abril de 1974.

Em 1980, iniciou-se uma época dedicada ao desenvolvimento do concelho e da melhoria das condições de vida dos habitantes.

Hoje, ao visitar a vila, encontramos uma vila turística sempre muito movimentada, com imensas pessoas a deliciarem-se com o ambiente histórico existente nesta vila museu.

Localização geográfica

Óbidos é um concelho rico em património histórico de valor relevante (desenho 13).

Situado entre o maciço rochoso da Serra do Montejunto e Oceano Atlântico tem uma área de 141,16 km<sup>2</sup>, com uma população de 11188 habitantes, pertencendo ao distrito de Leiria.

O concelho de Óbidos é composto por nove freguesias: a dos Negros, Amoreira, Santa Maria, S. Pedro, Olho Marinho, Sobral da Lagoa, Vau, Usseira e Gaeiras.

Os acessos a esta região, que se situa a cerca de 95 Km a norte de Lisboa, a 245 km do Porto e a 64 km de Leiria, podem ser feitos através da A1, da A8 e da A15.

A vila de Óbidos encontra-se envolvida por muralhas (fig.1) e com um arrabalde que preserva grande parte da estrutura arquitectónica, sendo o mais bem conservado núcleo



fig.1

fig.2

Óbidos contém um significativo património de arquitectura civil, importantes monumentos religiosos e militares que constituem o valor turístico da vila e a razão de ser dos fluxos que a visitam.

Uma via principal, a Rua Direita (fig.2), estabelece de acordo com a fórmula do urbanismo medieval, a ligação entre os dois pontos principais – a Porta da Vila (fig.3) e a do Castelo (fig.4) – a partir da qual se estabelecem vias secundárias, paralelas ou transversais. Em todas as ruas se encontram razões de interesse através das múltiplas perspectivas provocadas pelo declive natural do solo e as irregularidades do traçado viário.

Um percurso por Óbidos torna-se uma viagem de descoberta de uma forma de viver do



fig.3



fig.4

## Recursos Ambientais

A região de Óbidos apresenta um clima temperado marítimo, fortemente influenciado por massas de ar marítimo provenientes de Oeste, o que torna o ambiente húmido. As temperaturas amenas que se registam, acontecem devido à inércia térmica dos oceanos, que provocam invernos pouco rigorosos, verões suaves e ocorrência de precipitação desde o Outono à Primavera, com especial incidência no Inverno.

As temperaturas registadas no mês mais quente são de 22°C, tendo uma temperatura média anual de 15,5°C (desenho 5).

Devido à estrutura da vila, pois encontra-se rodeada por muralhas, o clima registado nesta é de temperaturas mais elevadas pois o calor estanca dentro da mesma.

Podem ser identificadas algumas bacias hidrográficas, das quais destacamos a Lagoa de Óbidos (fig.5) onde desaguam três rios da região Oeste.



fig.5

## Relevos e tipos de solo

A Sul, a Sudoeste e a Oeste do concelho, é onde o relevo se apresenta mais recortado e onde se pode encontrar as altitudes mais elevadas (desenho 6, 7).

Entre Sul e Sudeste verificam-se alguns declives que variam entre os 2 e os 4%, sendo então considerados como declives fracos e apropriados para a construção de habitações. Nas outras áreas do concelho predominam declives mais suaves e áreas planas, em que as altitudes rondam os 60m.

A Vila de Óbidos situa-se sobre uma colina nua e seca, sendo rodeada por uma zona plana e rica em área florestal e em solo fértil.

Na paisagem do concelho de Óbidos domina a presença dos grandes maciços calcários. Quanto aos tipos de solo podemos encontrar alguma variedade, em que se destacam os solos permeáveis, arenitos calcários, argilovíados, os pozedois e as dunas. Na zona costeira predominam as arribas altas, as zonas arenosas que compõem as praias e as planícies aluviais; como por exemplo a Lagoa de Óbidos. No concelho de Óbidos existem solos de grande fertilidade resultantes do assoreamento da Lagoa de Óbidos

## Fauna e Flora

Na flora do concelho de Óbidos predomina a existência do pinheiro bravo e do pinheiro manso, a Sul do concelho podemos encontrar os sobreiros e na zona ponteia o carvalho. É de destacar a presença da oliveira e do eucalipto na zona Oeste do concelho.

Quanto à fauna destaca-se a existência de algumas espécies piscícolas, como as carpas, as tainhas, os barbos, os pargos, os sargos, as douradas, os robalos, os chocos e os crustáceos.

A fauna encontra-se no estuário e nos braços da Lagoa de Óbidos (Bom Sucesso e Barrosa), assim como, nos cursos de água que nela desaguam e na adjacente orla costeira.

Devido à existência das zonas húmidas no concelho, pode-se encontrar, principalmente na zona da Lagoa, vários tipos de animais tais como, patos, perdizes, coelhos, pombos-bravos e, por vezes, alguns grupos de javalis. Na encosta do castelo existe o parque cinegético onde se encontram actualmente duas famílias de gamos e posteriormente algumas raposas e javalis.

## Acessos e transportes

A vila de Óbidos tem acesso directo à auto-estrada A8 que liga Lisboa a Caldas da Rainha e a Leiria e situa-se próximo da A15, auto-estrada que dá acesso a Rio Maior e a Santarém. Deste modo, a auto-estrada entre Lisboa e Leiria, com nó em Óbidos (A8), o IP6, a EN-8 e o IC1 constituem as principais vias de acesso à vila de Óbidos (desenho 5, 9 e 11).

A rede ferroviária que serve os habitantes Obidenses e do concelho é a linha do Oeste, através duma pequena estação ferroviária que se situa a um quilómetro do centro da vila, com comunicação a Peniche pela estação de São Mamede, Óbidos, A-da-Gorda, situando-se a noventa e quatro quilómetros de Lisboa e a duzentos e quarenta e oito do Porto, pela linha do Oeste.

Quanto a transportes públicos, estes têm sido assegurados pela Rodoviária do Tejo, pelo e Santarém.

O concelho de Óbidos tem 11189 habitantes, dos quais 5680 são homens e 5509 são

A densidade populacional é de 79 habitantes por km<sup>2</sup> e a taxa de crescimento da população é de cerca de 3.5%.

As actividades económicas desenvolvidas são: a agricultura (fruticultura, horticultura e floricultura), a indústria, o turismo e o comércio.

O turismo e o comércio são as principais actividades da “Vila Museu” exercendo-se em restaurantes, hotéis e empresas ligadas aos transportes e comunicações.

A nível de infra-estruturas de serviços, a vila, encontra-se bem equipada, possui bancos, correios, posto de turismo e hospital. A nível de hotelaria também se encontra servida por vários estabelecimentos onde se pode pernoitar.

### Sector Primário:

Este sector é o mais importante para o concelho, uma vez que ocupa uma grande percentagem (33,5%) da população residente activa. A fruticultura (28%) e a vinicultura (15,5%) são as principais produções do sector primário. Contudo, existe ainda a produção florestal e animal com uma percentagem muito reduzida.

### Sector Secundário:

Quanto à indústria do concelho, esta é composta maioritariamente por empresas de pequenas dimensões, mas fundamentais para o desenvolvimento económico do concelho, devido ao facto de proporcionar uma elevada mão-de-obra para a população.

Deste modo, as indústrias que caracterizam o concelho de Óbidos são as indústrias alimentares e de bebidas, a indústria do mobiliário e as de construção civil e obras públicas.

Este sector, ao longo do tempo, tem vindo a assumir uma importância significativa devido às oportunidades de emprego que oferece, o sector terciário baseia-se no tradicional comércio a retalho, principalmente de têxteis, vestuários, calçado, produtos alimentares e bebidas. Destaca-se a existência de um pequeno número de estabelecimentos de comércio grossista da área alimentar.

Outras das actividades com visível crescimento é o turismo que apresenta uma moderada percentagem do emprego do concelho.

A variedade de comércio e turismo contribui para variada oferta de serviços, do quais os visitantes e residentes do concelho podem usufruir.

Criou-se em torno de Óbidos uma legenda segundo a qual a vila seria um repositório da arte medieval. Esse *slogan* turístico afigura-se válido apenas para o desenho urbano da vila, apesar das importantes intervenções operadas no século XVI.

Do período anterior à Idade Média nada resta em Óbidos. Desconhece-se a sua configuração inicial, tanto no período Castrejo como Romano. Por comparação com outras povoações não custa admitir que a urbe se tivesse iniciado no ponto mais alto da elevação em que assenta. Mas a inexistência de sondagens ao nível do terreno inviabiliza conclusões.

As notícias chegadas são escassas e habitualmente concentram-se nas muralhas, relacionando-as com a história militar da vila, desde os presumíveis fundadores Celtas até à época Romana.

Mas o desenho actual de Óbidos deve ter resultado do embate entre muçulmanos e cristãos. Uma caminhada ao longo da povoação de imediato permite-nos perceber um conjunto de ruas e ruelas sinuosas, formando um emaranhado sem ordem aparente, e onde são raros os espaços mais amplos, como as praças ou simples adros de igreja.

Este traçado aproxima-se das práticas urbanas do Sul do país onde mais duradouramente se fez sentir a presença árabe e assemelha-se por isso, a certos núcleos alentejanos que vicissitudes vários permitiram conservar sem rupturas bruscas: lembra-se a zona medieval a zona medieval de Évora ou a pequena povoação de Monsaraz. Assim, apesar de hipotéticos núcleos anteriores ao povoamento árabe, nomeadamente da fase romana, as sobrevivências não ultrapassam a fase de domínio norte-africano, que se terá imposto ao passado anterior, eliminando todos os vestígios.

Apesar de a presença árabe em Portugal ter sofrido sempre, quer da parte dos conquistadores, quer da parte de historiadores animados ainda do espírito de reconquista, acções de “limpeza”, nem por isso o seu apagamento foi total. Terá sido mais fácil aos cristãos transformarem mesquitas em igrejas, como aqui terá acontecido com Santa Maria; mas mais difícil seria arrasar completamente vilas e cidades, aliás bem mais prósperas que o norte agrário dos conquistadores.

Por isso, em relação a Óbidos, é provável que os cristãos se tenham limitado a administrar um espaço urbano já com alguma importância, actualizando-lhe apenas os sinais mais operativos em termos religiosos e ideológicos.

Olhando para a vila do alto das muralhas, depara-se com um casario compacto. As casas alinham-se ao longo das ruas, abrem-se ao exterior de modo extremamente comedido, em muitas habitações subsiste ainda o jardim, ou um pequeno recanto aberto, mas colocado sempre na retaguarda.

O espaço da vila é dominado pela rua tortuosa, estreita; muitas vezes insignificante no seu comprimento, ruelas e azinhagas completam a rede. A comunicação é assim dificultada e não se faz sem permanentes obstáculos a vencer.: está-se perante um

Óbidos e as suas casas propõem valores intimistas, onde predomina a interioridade dos espaços. Daí o valor concedido à porta, da muralha ou da casa, sempre assinalada, quer pela diferença estrutural, quer por uma simples banda azul ou amarela. Numa estrutura virada para dentro a importância da porta não é apenas funcional - aquela adquire um expressivo valor simbólico.

Perante estes dados podemos interrogar-nos sobre a vida urbana aqui fruída. Repare-se que em Óbidos não existem, praticamente, marcas dos equipamentos colectivos que haviam feito a fama das cidades romanas; não se vislumbram sequer sinais de espaços destinados a uma vivência colectiva.

Apesar das transformações pontuais operadas ao longo dos tempos, a vila de Óbidos resiste perfeitamente a um confronto com a teoria geral de uma cidade árabe. Pode-se admitir, pois, que nestes espaços urbanos concebidos em função do programa religioso de Maomé, a mesquita constituía o núcleo principal de encontro entre os fieis. Se, como tudo indica, o seu espaço é presentemente ocupado pela igreja de Santa Maria, situar-se-ia defronte dela um pequeno largo (não o actual), estreito e reduzido, e destinado a trocas comerciais. Repare-se que a memória colectiva, e as práticas urbanas posteriores, reservaram para a actual praça um telheiro destinado a semelhante efeito.

Não foi difícil aos cristãos adoptarem Óbidos. A vila integrava-se perfeitamente nas necessidades guerreiras de então. Com uma forte cintura muralha, assentava num local com condições propícias à defesa, numa época em que a guerra conhecia avanços e recuos. Num primeiro momento não se alterou significativamente o tecido urbano. Para além da permanência da guerra, o esforço inicial dos reis portugueses concentrava-se mais no campo que na cidade. Era necessário povoá-lo, disseminar os casais agrícolas, processo que na Estremadura conhecera a superior orientação dos monges de Alcobaça, que moldaram definitivamente a face desta vasta região.

Cristianizada, adaptada à topografia irregular do terreno que condiciona a fisionomia, Óbidos remeteu apenas os mouros conquistados para a sua Mouraria (utilizada indiscriminadamente também pelos Judeus), e passou, sem traumas urbanos, para uma nova dependência religiosa.

A muralha de Óbidos apresenta a configuração irregular típica da Idade Média. Houve alargamentos, reparações, em resultado tanto de possíveis aumentos demográficos, como de estragos provocados pelas vicissitudes da guerra.

A dificuldade maior reside em localizar na sua estrutura as modificações operadas. D. Sancho I patrocinou a primeira reforma do lado poente, entre o Jogo da Bola e a Torre do Facho; igualmente reparou a Torre do Relógio que passara então a servir de prisão.

Com D. Dinis, já em fase de paz e de consolidação da nacionalidade, a vila registou um alargamento para o lado Norte (1288), talvez em resultado de um crescimento populacional; o mesmo monarca promoveu reformas noutras áreas da muralha, bastante danificada durante a crise aberta pela sucessão de D. Sancho II; igualmente manda levantar barbaças diante das portas.

D. Fernando reformou as muralhas em acção similar à registada em outros burgos durante o seu reinado, nomeadamente as três torres do lado norte, mais o denominado Torreão do Poço.

Com D. Manuel processam-se as últimas obras significativas, até à intervenção dos Monumentos Nacionais, já no século XX. Mas D. Manuel insistiu especialmente em soluções decorativas na zona residencial, de modo a prestigiar um poder absoluto em fase de implantação.

Como se verifica, os dados são dispersos e falam numa consolidação de estruturas, mais que em reformas radicais. Por isso não custa admitir que o aspecto essencial da muralha obidense tenha sido definido em época bem recuada, talvez no mesmo período muçulmano, limitando-se os cristãos a transformar e adaptar o estritamente necessário. Afinal talvez a reforma mais radical seja a mais recente quando, com critérios discutíveis,

Protegendo os habitantes em caso de ataque externo, mas manietando-se também em favor dos interesses políticos das guarnições aquarteladas, a muralha abre-se ao exterior numa série de pontos. Essas aberturas são as indispensáveis de modo a não perturbar a robustez defensiva.

Assim a porta da Vila seria a principal, pois encontra-se no eixo da actual Rua Direita. Ligando directamente à casa do alcaide. No seu interior encontra-se actualmente um nicho evocativo, ou oratório, decorado com azulejos figurativos; a Porta da Cerca e a Porta da Talhada constituem simples aberturas, tal como o Postigo do jogo da Bola ou o Postigo do Arrabalde; a Porta do Vale ou da Senhora da Graça será, porventura, a mais recente.

E assim, ao sabor das irregularidades do terreno, a muralha de Óbidos resistiu aos embates guerreiros e a maquiladores de circunstância, apertando dentro de si uma vila que, só em séculos mais recentes, se estendeu para o denominado Arrabalde.

No entanto, apesar da matriz medieval que preside ao seu traçado, Óbidos sofreu no século XVI algumas importantes modificações urbanas, protagonizadas por D. Catarina, sua mais notável mecenas. Mulher de D. João III, filha dos reis castelhanos, Filipe I e Joana a Louca, nasceu em 1507; torna-se rainha de Portugal em 1525, regente após 1557 e, governando num período conturbado, abdica do trono em 1562, retirando-se para o Convento de Xabregas, onde faleceu em 1568.

A intervenção de D. Catarina em Óbidos afigura-se extremamente importante. Constitui um processo de actualização do urbanismo da vila, através de uma serie de obras a que preside um pensamento de raiz renascentista, efectuado embora em fase posterior.

O fulcro da sua actuação situa-se na actual praça de Santa Maria, cuja área era bem reduzida, visto estar ocupada por casas. Após toda uma serie de operações legais aumentou-se a zona fronteira à fachada da igreja, constituindo-se uma praça: zona fulcral da vila desde o século XVI.

Um indicio claro das importantes obras então realizadas na vila surge-nos com a criação, por D. João III, de uma aula de matemática que, ao modo da época, constituía a disciplina fundamental para iniciação de arquitectos ou simples construtores. Apesar de tudo, a Praça de Santa Maria não corresponde às dimensões fixadas pela tratadística, cotando-se com uma solução empírica.

Mas para além da praça, da abertura do leito do rio Real e da Rua Nova, da consolidação de pontes, do aproveitamento do convento das Donas para paço real, da reconstrução da capela do Senhor Jesus dos Milagres, das obras de reedificação da Igreja de Santa Maria, da instituição do Convento de Vale Benfeito que, no seu conjunto, definem o fôlego menatico de D. Catarina, e ainda a esta rainha que Óbidos deve o primeiro sistema de abastecimento de agua.

Através de um acordo com a Câmara local doou à rainha os terrenos da Várzea, D. Catarina custeia a partir de 1573 a construção de um aqueduto com cerca de três quilómetros de extensão, transportando a água desde da Usseira. D. João III fora já, também, o responsável pelo importante aqueduto das Aguas de Prata, em Évora, iniciado em 1532.

A edificação do aqueduto encontra-se na origem de algumas fontes do interior da vila. Desde logo a da Praça de Santa Maria, com tanque e decoração simples, encostada a parede e colocada no

eixo de simetria desse espaço. Depois, ao longo dos tempos, o chafariz de D. Maria ou o Chafariz da Bica, peças simples e ruralizastes.

Com D. Catarina definia-se o segundo momento importante do urbanismo obidense e, a bem dizer, o último, já que não alteraram significativamente a fisionomia da vila as soluções pontuais do período pombalino, após o terramoto de 1755.

Assim, Óbidos, a vila medieval, é-o de facto no seu traçado, na cintura muralha que a envolve, definindo um primeiro momento particularmente importante e duradouro da sua

Dentro das muralhas da Vila de Óbidos, quase todas as casas são de primeiro andar, é muito raro haver casas só de piso térreo (fig.20).



fig.20

As casas apresentam essencialmente paredes muito grossas (cerca de metro, ou metro e meio de espessura), e todas elas são construídas em pedra, com divisões ou muito grandes ou muito pequenas, não existindo divisões intermédias. Por exemplo, ou era uma divisão grande que servia de salão com múltiplas funções, ou então uma divisão pequena com a função de quarto.

As divisões interiores eram no máximo duas ou três, dois quartos e uma cozinha e, era rara a casa que tivesse casa de banho com divisão própria.

A porta principal de entrada dava acesso, através de uma escada, quer ao primeiro andar quer à chamada “loja” ou piso térreo, conhecida por nós como cave; quase todas as portas tinham um postigo que servia para dar claridade àquela divisão de entrada.

Por as paredes serem grossas, os poucos móveis existentes no salão e na cozinha eram encastrados nas paredes, onde também existiam cantareiras, o que proporcionava grande espaço e arrumação à casa, visto a mesma ser de dimensões reduzidas, na cozinha existia sempre uma grande lareira e dentro desta uma fornalha. Os pisos eram todos em soalho de madeira, exceptuando as “lojas” que eram de terra batida.

A “loja”, era a única divisão da casa que não tinha janelas, só tinha uma porta que dava para a rua. Este piso estava abaixo do chão, pois como toda a vila é inclinada e construído numa encosta, havia sempre uma parte da casa que ficava ao nível da porta da entrada principal e a outra ao nível da porta da “loja”.

O piso térreo era utilizado como arrecadação, mas principalmente como lugar onde se guardavam os animais (burros, ovelhas, galinhas, coelhos, porcos e vacas), cabendo aos mesmos a função de aquecer a casa; a própria fermentação do estrume que produziam libertavam gases que aqueciam os andares superiores como os pisos eram de madeira era fácil ao calor penetrar entre os vários espaços. O estrume destes animais era também utilizado para encher os vasos e os canteiros que são muito característicos junto às portas e às janelas das casas.

As janelas eram decoradas com um vaso de cada lado, apoiados num ferro. Entre estes dois vasos existia o estendal, normalmente, este tinha sempre o dobro da largura do espaço que ia de um vaso ao outro, quando se estendia a roupa era espetada uma cana a meio do estendal, contra a parede fazendo com que o mesmo ficasse suspenso.

Era também muito característico encontrar nas janelas gaiolas, com canários ou com pintassilgos. Presenciava-se mesmo uma competição entre vários pássaros para ver qual cantava melhor.

Nos finais dos anos 50 princípio dos anos 60, foi proibido a permanência de alguns animais dentro da vila, nomeadamente os que tinham a característica de produzir mau odor nas ruas (vacas e porcos). Na génese desta proibição estava o intuito de lançar Óbidos para o turismo, o que passava por tornar o seu espaço mais limpo e atractivo.

As pessoas tinham o cuidado de caiar as casas várias vezes por ano, e as janelas eram decoradas com cortinas em renda muito características de Óbidos, efectuadas pelas próprias.

Deste modo, foi incutido à população residente que o turismo era benéfico para a vila, e para que isso se tornasse uma realidade, era necessário que as pessoas se aprumassem no cuidado das suas casas, bem como na apresentação dos pequenos jardins que tinham junto às mesmas.

Restringida a criação de animais no interior da vila, começam a aparecer somente as ovelhas, os burros (principalmente com um cesto de cada lado) e os cavalos, sendo os dois últimos indispensáveis e vitais para o transporte e os trabalhos no campo.

Assim, as “lojas” deixaram de exercer parte das suas funções de acolhimento de animais, para passarem a servir somente de arrecadação e como local onde se dispunham os tanques de lavar a roupa. Era muito raro na década de 60 a casa em Óbidos que tivesse iluminação eléctrica.

Nas restantes habitações recorria-se a candeeiros de petróleo, excepto nas casas dos mineiros que trabalhavam nas minas de gesso. Nestas eram utilizadas os “gasómetros”, que ainda hoje se encontram em alguns bares típicos de Óbidos, mas apenas com o

cima com um bico, eram alimentados a “carboneto” (o minério semelhante ao gesso), este deitava um gás que se ia desfazendo e que quando se acendia emitia uma chama.

## Oferta Tur

### Património Natural

**Termalismo** No concelho existem algumas nascentes de águas termais, estas encontram-se dispersas geograficamente.

Na freguesia de Gaeiras, junto ao convento de São Miguel, encontram-se algumas nascentes de águas sulfurosas e salinas, com caudais abundantes, sendo conhecidas por Caldas das Gaeiras e Olho de Água.

A Nascente denominada Fonte de Óbidos, encontra-se perto da estrada que liga Óbidos à freguesia de a-dos-Negros, mais precisamente na margem do Rio Arnóia.

Na freguesia de Olho Marinho, existe uma nascente de água termal em que no Inverno gera água quente e no Verão água fria. Estas águas termais têm efeitos terapêuticos destinados ao tratamento de doenças dos olhos e da pele.

**Jazidas Minerais** Ao longo de toda a área geográfica do concelho de Óbidos existem algumas jazidas minerais. Assim, destaco os Brejos – Minas de Turfa, situadas na freguesia da Amoreira, os Arneiros – Minas de carvão, o Bajouco – Minas de Cobre, Quinta do Jardim – Mina Tripoli (areia salicilica) e Sr. da Pedra – Mina de Gesso.

Actualmente, todas as minas se encontram abandonadas, excepto a mina de gesso perto de Traz Outeiro (exploradas em vala aberta) e outra localizada nas redondezas do Sr. da Pedra.

Lagoa de Óbidos Ocupa uma área de 7km<sup>2</sup>, constituindo um sistema lagunar mais extenso de Portugal à excepção dos complexos lagunares das Rias Formosa e Aveiro.

Tem uma área de drenagem de 440m<sup>2</sup>, ou seja, recebe influências várias, das massas de água que chegam directa ou indirectamente ao interior da suas margens, arrastando consigo não apenas águas, mas também muitos poluentes e detritos, muitos deles provenientes de descargas da indústria e agricultura regional.

Sendo uma massa de água salgada, a lagoa caracteriza-se por uma uniformidade da qualidade das águas e comunica com o mar por um canal que tende para a obstrução pelas areias litorais, a zona da “aberta” mantém-se actualmente como um dos problemas que constituem uma pirâmide imaginária, com os outros dois vértices denominados poluição e assoreamento.

A lagoa forma quatro braços principais, um para Este (Barrosa concelho das Caldas da Rainha) onde desagua o Rio Arnóia e se junta ao Rio Real, outro, para Sudoeste (Bom Sucesso – concelho de Óbidos) onde conflui a Vala do Ameal e, outro ainda, para Oeste (Carneiro da Maria Garcia – concelho das Caldas).

A Lagoa de Óbidos tende a fechar a sua comunicação com o mar, devido à acumulação de areias empurradas pelo mar e trazidas de terra pelos afluentes. Apesar deste fenómeno ser natural, a velocidade com que ocorre depende da acção humana, dado que o aumento de sedimentos no seu interior acelera este processo.

A Lagoa de Óbidos tem constituído uma fonte de rendimentos importante para as populações locais através da pesca artesanal de diversas espécies de peixe e bivalves. Entre as espécies de bivalves mais abundantes merece referência o berbigão, a amêijoia e as cadelinhas. Ao nível dos peixes, salientam-se a taíinha, a enguia, a anchova, o linguado, a sardinha, o peixe-rei e o robalo, o que mostra bem a importância que estes sistemas lagunares têm ao nível dos recursos pesqueiros capturados em mar. No entanto, alguns braços da Lagoa transportam uma carga poluente elevada fazendo com que nas zonas mais afastadas do contacto com o mar, a acumulação de detritos, seja muito acentuada.

## Património Cultural e Histórico

Castelo e Muralhas: (fig.1) De origem romana, passou a fortificação árabe e acabou em castelo cristão. Apesar dos tempos conturbados por que passou – guerras e invasões – conservou-se muito bem mas também foi alvo de vários restauros, mantendo sempre o seu carácter primitivo.

A muralha tem de perímetro 1565m e é bastante alta, medindo em alguns pontos 13m de altura, de onde se pode desfrutar de uma vista panorâmica. Aliás, o percurso pelas muralhas e torreões que envolvem a vila de Óbidos é um dos principais atractivos turísticos. As ameias possuem 1,30m de altura e 0,67m de espessura e por sua vez as seteiras têm uma abertura interior de 0,43m e exterior de 0,05m.

Das várias torres, merecem especial destaque a torre de D. Fernando, também designada Torre de Menagem, por ser a principal, situada logo à entrada da vila e a Torre Albarrã mandada construir pelo monarca D. Sancho I possuindo dupla função: guardar os bens do monarca e servir de prisão ao castelo.

Além das funções militares, o castelo serviu ainda de Paço real e dos Alcaldes, tendo sido adaptado em 1950 na primeira Pousada Histórica que ainda hoje preserva alguns vestígios do passado, nomeadamente ao nível decorativo como uma armadura da Idade Média.

**Porta da Vila** O principal acesso à vila faz-se pela Porta da Vila construída no séc. XIV. Esta porta contém a seguinte inscrição “A Virgem Nossa Senhora foi concebida sem pecado original”, mandada colocar pelo rei D. João IV, como agradecimento pela protecção da padroeira, aquando da Restauração de 1640.

Possui um nicho da Nossa Senhora da Piedade e um painel de azulejos azuis e brancos datados do século XVIII.

Apesar de ser esta a que mais se destaca há ainda de referir a existência da Porta Talhada, da Porta do Vale ou N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. Da Graça, bem como o Postigo do Poço ou do Arrabalde e o Postigo do Jogo da Bola.

**Pelourinho (fig.6)** De estilo Manuelino, possui de um lado o escudo real com as suas quinas e castelos e do outro o camaroeiro, símbolo pessoal da rainha D. Leonor, doado a algumas vilas, entre elas Óbidos, em memória de seu filho, o infante D. Afonso.

Além de representar o poder municipal, este pelourinho detinha outra função, pois era o local onde se expunham e castigavam publicamente todos os malfeitores.



fig.6



fig.7

**Igreja de S. Pedro (fig.7)** Mandada edificar nos séculos XIII/XIV e reconstruída na quase totalidade após o terramoto de 1755, perdeu a imponência e a importância de outrora. Não apresenta grandes particularidades que a destaquem de todas as outras igrejas, à excepção de ser apontada como o local onde se encontra o túmulo de Josefa d'Óbidos, aspecto este que suscita algumas dúvidas dada a degradação do templo.

**Igreja de Santa Maria (fig.8)** Situada na praça em frente ao chafariz principal da vila, a Igreja de Santa Maria é considerado um dos mais belos e mais importantes templos da vila de Óbidos. Muito embora o edifício actual date do século XVII, a igreja possui ainda alguns vestígios da época visigótica dos finais do século VIII, altura em que foi transformada em mesquita, voltando ao culto cristão só após a Reconquista.

Com um pórtico simples atribuído ao primeiro período do Renascimento, a igreja apresenta três naves das quais se destaca a nave central por ostentar na cobertura gótica. As paredes são revestidas de azulejos, azuis e brancos, dos finais do século XVII atribuídos a Gabriel del Barco mas que foram financiados pelo prior Dr. Francisco Pedro Caminha, sendo sem dúvida, um bom exemplar das aplicações cerâmicas no nosso país.

A igreja de Santa Maria é detentora de uma assinalável colecção de quadros, todos eles de grande dimensão, atribuídos entre outros ao pintor obidense – Baltazar Gomes Figueira e a sua filha Josefa d'Óbidos. Por outro lado, no seu interior encontrar-se o túmulo de D. João de Noronha, o Moço, alcaide-or de Óbidos, e da sua esposa, D. Isabel de Sousa. Não obstante do túmulo constituir um verdadeiro exemplar da arte renascentista em Portugal, o seu autor permanece ainda numa incógnita, sendo um dos r



fig.8



fig.9

**Cruzeiro da Memória** Fora das muralhas, perto do Aqueduto ergue-se um cruzeiro como símbolo da tomada de Óbidos aos Mouros em 1148, tendo num dos lados Cristo Crucificado e no outro Nossa Senhora da Piedade.

**Santuário do Senhor da Pedra** A cerca de 500m da “Vila Museu”, o visitante depara-se com um sumptuoso monumento, mandado construir pelo monarca D. João V no século XVIII e que o visitou durante sete anos consecutivos. Este templo, de forma hexagonal tinha como objectivo receber uma cruz da pedra paleo-cristã, que era objecto de grande devoção e caso tivesse sido concluído apresentaria umas torres com uma altura fora do vulgar.

**Museu Municipal de Óbidos (fig.9)** Antigos paços do concelho, foi posteriormente cadeia. Situado na praça de Santa Maria foi recentemente restaurado e acolhe hoje o museu. Fazem parte do espólio do museu uma colecção de pintura, entre os quais se destacam obras de Josefa d'Óbidos, salas de escultura, arqueologia, arte sacra e a sala da Guerra Peninsular com uma colecção de armas daquele período.

**Aqueduto e Chafarizes (fig.10 e 11)** O aqueduto serve para abastecer a vila de água. Tem mãe-de-água na Usseira e foi construído em arcos numa extensão de 3km. Manteve-se em funcionamento até 1946, tendo sido custeada pela rainha D. Catarina de Áustria, esposa de D. João III.

Aos aquedutos aparecem ligados os chafarizes da vila, do qual se destaca, o ainda existente chafariz localizado na praça, sendo este bastante apreciado pelos visitantes, uma vez que forma um belo efeito decorativo



fig.10



fig.11

Padrão Camoniano (fig.12) Inaugurado em 1932 para assinalar a referência que Luís de Camões faz à vila de Óbidos em “Os Lusíadas”, foi encomendado ao arquitecto Raul Lino pela Comissão de Iniciativa e Turismo de Óbidos.

Igreja de São João Batista (antiga capela de São Vicente) Edificada em 1309, serviu de capela à leprosaria fundada pela Rainha Santa Isabel, tendo sido ampliada no século XVI. Foi sede da paróquia de São João Baptista entre 1636 e o século XX.

Igreja da Misericórdia (fig.13) Esta igreja situa-se na antiga capela do espírito santo, foi fundada pela Rainha D. Leonor, no início do século XVI, juntamente com a Santa Casa da Misericórdia.

Esta igreja já foi reformada várias vezes, umas das quais pelo Provedor da Misericórdia, Dr. João Vieira Tinoco, que mandou colocar os azulejos (1625) que existem ainda hoje, com a “Visitação da Virgem a Santa Isabel e o Pentecostes”.

Igreja de São Tiago (fig.14) Esta igreja foi mandada construir por D. Sancho I em 1186, foi um templo gótico com três naves e cuja entrada principal era virada a poente, comunicando com o interior do castelo.

Ficou destruída pelo terramoto de 1755 e foi reconstruída apenas em 1772, no altar-mor, existe uma pintura de São Tiago Maior, de autor desconhecido, data de meados do século XVIII.



Fig.12



fig.13



fig.14

Capela de São Martinho (fig.15) Esta capela situa-se frente à igreja de São Pedro e é o único templo medieval que ainda existe em Óbidos.

Foi construída em 1320 por Pêro Fernandes, é um templo visigótico, com tecto em abóboda ogival. O pórtico ogival é de três arquivistas e possui capiteis bem esculpidos. No exterior existem três túmulos, dois ainda ali se encontram. No interior existem outros três túmulos, sob vãos ogivais.

Esta capela foi adquirida ao visconde de Sacavém, em 1998, pela Câmara Municipal de Óbidos.

Ermida de Nossa Senhora do Carmo (fig.16) Situa-se na encosta do lado poente, fora do castelo. A sua origem não está determinada no tempo, mas a tradição afirma ter sido um templo romano dedicado a Júpiter. Os romanos terão edificado esse templo para comemorar a tomada da vila aos Celtas, pelo lado poente. Há memória de lápides com inscrições romanas dentro da igreja.

Com a ocupação muçulmana esteve encerrada ao culto.

Esta igreja foi sede da paróquia de São João Baptista até 1636 e desde essa altura passou a chamar-se Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Foi muito afectada pelo



fig.15

fig.16

Ermida de Nossa Senhora de Monserrate Situa-se junto à estrada do arrabalde. É templo pequeno com um portal barroco, encimado pelo emblema franciscano.

No interior, existe uma só nave, embelezada pelo revestimento de azulejos seiscentistas azuis e amarelos na parte superior, azuis e brancos na parte inferior, que se estendem até à capela-mor.

Porta do Vale (fig.17) Porta de acesso à vila pelo lado nascente, tem no seu interior um oratório dedicado à padroeira, mandado construir por devoção de uma donzela que morreu de amores contrariados por um jovem obidense.

Anteriormente terá existido um nicho com uma imagem de Nossa Senhora da Graça, que a tradição diz ter sido em acção de graças após a resistência da vila ao cerco de 1246 de D. Afonso III.

O artesanato da vila de Óbidos caracteriza-se pelos bordados, a cerâmica, a pintura sobre azulejo (fig.18), as cabaças, as miniaturas de moinho de vento e os trabalhos em vime.

Os bordados de Óbidos, surgiram na década de cinquenta com Maria Adelaide Batista Ribeirere, que, conseguiu retractor o tecto da igreja de Santa Maria, em papel, através de um espelho colocado no chão da igreja. Maria Adelaide reproduziu esses desenhos em bordados, transmitindo a técnica pelas mulheres da vila, surgindo assim, os bordados de Óbidos que são dos principais trabalhos de artesanato da vila. Estes são realizados em pano de algodão, em tons de amarelo, azul e rosa forte, contendo ponto pé de flor ou ponto pé de galo.

A pintura de telhas com a técnica de vidro também faz parte do artesanato da vila, existindo um ateliê de pintura na Santa Casa da Misericórdia.



fig.17



fig.18

## Património Gastronómico

A gastronomia do concelho de Óbidos é caracterizada pelos pratos confeccionados com peixe e marisco, como a caldeira da lagoa, enguias fritas e enguias ensopadas.

Devido à criação de gado existente no concelho, existem alguns pratos tradicionais de carne, como o ensopado de cabrito ou de borrego e as carnes na brasa.

Quanto à doçaria da região, temos as trouxas-de-ovos, muras, alcades, lampreia das Gaeiras, pão-de-ló d'Óbidos. Para acompanhar os pratos tradicionais, a região produz bons vinhos como o Gaeiras e o Oiro de Óbidos, que são premiados em certames quer nacionais quer internacionais, porém o que mais se destaca é sem dúvida, a bebida típica – a ginjinha - , que pode ser apreciada e adquirida como forma de “souvenir” nos vários estabelecimentos comerciais espalhados pela vila.

## A Ginja de Óbidos

Também conhecida como “Ginjinha d’Óbidos” (fig.19), tem um forte sabor, intensamente perfumado com o agridoce das ginjas. Apresenta uma cor vermelha-escura e existe em três variantes distintas, o licor simples, o licor com frutos no seu interior, por vezes aromatizado com baunilha, ou com um pau de canela e, o mais recente, o licor de ginja com chocolate, devido ao sucesso da feira do Chocolate na vila.

Acredita-se que este licor teve origem no século XVIII, uma receita convencional criada por um frade devido às grandes quantidades de frutos na região. A receita foi gradualmente difundida, passando o licor a ser confeccionado a nível familiar por Obidenses. Com o início dos anos 60 e, devido ao turismo na região, surgiu o primeiro bar da vila, este, transformou-se no ponto de encontro da classe abastada da região, tendo a ginja sido catapultada para o circuito comercial como a bebida da casa. Com o passar dos tempos, abriram-se novos bares e começou a competição entre eles pela posse da melhor ginja, mais ou menos alcoólica, doce ou ácida. A ginja de Óbidos é um *ex-libris* da vila que cede a fama à noite de Óbidos.

A produção é muito limitada e utiliza métodos tradicionais. Existe contudo, produto de fábricas semi-industriais, realizado por algumas empresas da região.



fig.19

### Tipos de turismo

A região do Oeste proporciona a prática de vários tipos de turismo, desde o turismo de saúde, com o hospital Termal Rainha D. Leonor; o turismo de natureza; o turismo balnear, com uma costa de extensos areais nas zonas circundantes a Óbidos. Este turismo de praia, cuja origem dos seus praticantes é essencialmente regional, tem uma função recreativa e é a principal forma de ocupar o tempo livre que cada um dispõe. Este tipo de turista visita muitas vezes Óbidos como forma de escapatória e descanso, e na procura de outros interesses.

Recaindo única e exclusivamente sobre a “Vila Museu”, esta, apesar de se encontrar entre muralhas proporciona três tipos de turismo: o turismo cultural, o turismo aventura e principalmente o turismo religioso.

Culturalmente, Óbidos contém uma grande diversidade histórica e monumentos que todos os dias são visitados por inúmeras pessoas.

De turismo aventura, a vila tem uma grande equipa que promove iniciativas, onde proporciona aos jovens contacto com a natureza.

Por outro lado, em Óbidos observamos um turismo de circuito, constituído por pessoas externas à região, mas com forte peso nacional e essencialmente da área da grande Lisboa. Assim, revela-se o excursionismo quer de visitantes nacionais, quer internacionais.

Estabelecer perfil de uma pessoa, neste caso do turista que visita o Oeste, não se assume como uma tarefa fácil, nem se pode fazer com uma certeza total. Deste modo, tomando por base o que diz o Guia de Oferta e da procura da RTO (região de Turismo do Oeste) e dentro dos conhecimentos de experiência comum, pode-se apresentar algumas características sobre esse ser que é o turista que vaguei pelo Oeste.

A nacionalidade parece uma forma fácil e eficaz de os distinguir, já que costumes e gostos diferentes conduzem a necessidades também elas diferentes.

**Turista Nacional:** “este é um turista misto na nossa região, difícil de caracterizar, tem a curiosidade de conhecer o seu país, e daí o seu interesse em monumentos e outros locais de visita, no verão claro esta na praia.”

- Em geral, usam o transporte próprio, contudo as camadas menos favorecidas utilizam o autocarro (massivamente) de excursão.

- Constituem a maior parte das dormidas na região, contudo em estabelecimentos de menor qualidade, e por isso, de menor custo. Do total de dormidas da região cerca de 70% pertencem aos portugueses, destes apenas 12% apresentam um extracto socioeconómico superior que lhes permite dormidas em estabelecimentos de maior qualidade.

- Consomem com relevo em bares e cafés com despesas pequenas.

Sendo assim, o turista nacional, provem de uma classe media que propicia a deslocação em massa e a dormida quando se verifica é feita em pensões e hotéis de menor qualidade. Praticam um turismo recreativo e tem como principais alvos os monumentos e praia.

Poucos são aqueles que possuem condições de consumo para pernoitarem em estabelecimentos de qualidade e em conformidade que atinjam as quatro estrelas.

**Turista Espanhol:** “ A principal motivação dos espanhóis são a visita a um país muito próximo, a praia, os monumentos e as compras. Somos o melhor destino para o fim-de-semana prolongado ou as curtas férias de Páscoa, Carnaval e Fim de Ano.”

-As despesas são feitas essencialmente em compras e nos restaurantes. Consomem bastante em bares e cafés.

- Utilizam o alojamento de três estrelas.

- Utilizam transporte próprio e em menor escala, a viagem organizada em autocarro.

- Há a afluência de muitos estudantes.

- De forma geral, pertencem a um estatuto económico médio e médio baixo.

O turista espanhol será, talvez, aquele que está mais próximo do nacional relativamente às disponibilidades de consumo. Por outro lado, as razões para a vinda coincidem com as mesmas que faz um português ir a Espanha. Destaque para a vinda de jovens, que encaram a proximidade e o custo de vida português como uma boa escolha para a sua bolsa e maneira de fazerem férias fora do seu país.

**Turista italiano:** “A principal motivação dos italianos é o sol, a praia e os aspectos culturais. Quanto a despesas gastam em restaurantes, compras e artesanato.”

-Tipo de transporte: carro próprio ou avião com *transfer* de autocarro ou *rent-a-car*.

- Estadia em unidades de três estrelas e também no campismo.

- Extracto socioeconómico médio ou médio alto.

Turista francês : “ A principal motivação dos franceses é o sol e a praia, e os aspectos culturais. Quanto a despesas gastam em restaurantes, compras e artesanato.”

- Tipo de transporte: carro próprio ou avião com *transfer* de autocarro ou *rent-a-car*.
- Estadia em unidades de três e quatro estrelas e também no campismo.
- cerca de um terço são da terceira idade.
- Extracto socioeconómico é médio ou médio alto (cerca de 5%, procuram restaurantes e unidades hoteleiras de qualidade superior).

Turista Alemão: “ A principal motivação dos alemães é o sol, a praia, surf e outros aspectos culturais. Quanto a despesas gastam em restaurantes, compras, artesanato e bares.”

- Tipo de transporte: avião com *transfer* de autocarro ou *rent-a-car*. Algum uso do carro próprio.
- Estadia em unidades de três e quatro estrelas.
- Extracto socioeconómico: médio alto e superior.
- Um terço é de terceira idade.

Mesmo um turista médio alemão tem elevado poder de compra e 12% dos alemães que procuram a nossa região utilizam unidades de quatro estrelas e restaurantes de elevada categoria.

Turista britânico: “ A principal motivação dos ingleses é sol e praia, surf e aspectos culturais, particularmente em Torres Vedras, as Linhas de Torres e o Forte da Guerra Peninsular. Quanto a despesas gastam em restaurantes, compras, artesanato e bares.”

- Tipo de transporte: avião com *transfer* de autocarro ou *rent-a-car*.
- Estadia em unidades de três e quatro estrelas.
- Extracto socioeconómico médio alto e superior.

São bons apreciadores de gastronomia e vinhos. O turista inglês no Oeste tem melhor qualidade que o encontrado massivamente no Algarve.

Turista belga e holandês: “ A principal motivação dos belgas e holandeses é o sol e a praia, surf e aspectos culturais. Quanto a despesas gastam em restaurantes, compras, artesanato e bares.”

- Tipo de transporte: avião com *transfer* de autocarro ou *rent-a-car* ou carro próprio.
- Estadia em unidades de três e quatro estrelas e também no campismo.
- Cerca de um terço são da terceira idade, no caso dos belgas.
- Extracto socioeconómico médio e médio alto.

Turista americano e canadiano: “ A principal motivação dos americanos e canadianos é o sol e a praia, surf e os aspectos culturais. Dão grande valor aos monumentos e peças históricas. Quanto a despesas gastam em restaurantes, compras, artesanato e bares.”

- Tipo de transporte: avião com *transfer* de autocarro ou *rent-a-car*.
- Estadia em unidades de três e quatro estrelas (quatro no caso dos canadianos).
- Extracto socioeconómico médio alto e superior.

Mesmo o turista médio americano tem elevado poder de compra e 50% dos americanos que procuram a nossa região, utilizam unidades de quatro estrelas e restaurantes de elevada categoria, principalmente em Óbidos. São bons apreciadores de gastronomia e vinhos.”

Turista suíço: “ A principal motivação dos suíços é o sol e praia e os aspectos culturais. Quanto a despesas gastam em restaurantes, compras e artesanato.”

- O tipo de transporte é o carro próprio, avião com *transfer* de autocarro ou *rent-a-car*.
- Estadia em unidades de três e quatro estrelas.

### Hotelaria

Apesar da pequena dimensão da vila, esta encontra-se dotada de alguns estabelecimentos hoteleiros:

- Pousada do Castelo
- Estalagem do Convento
- Estalagem Casa das senhoras Rainhas
- Albergaria Josefa d'Óbidos
- Albergaria Rainha Santa Isabel
- Albergaria Pátio das Margaridas
- Hospedaria Louro
- Hospedaria Casa da Raposeira
- Hospedaria Obilar
- Hotel Real d'Óbidos
- Praia D'el Rey Marriott Golf & Beach Resort (situa-se na praia D'el Rey a 15km de Óbidos)
- Hotel Mansão da Torre (situa-se no Casal Zambujeiro a 3km de Óbidos)
- Casa do Poço
- Casa do Relógio
- Casa do Rochedo
- Casa S. Tiago do Castelo
- Casa do Fontanário
- Casa do Pinhão (situado no Bairro da Sra. Da Luz a 3km de Óbidos)
- Casa de Óbidos (situa-se na Quinta de São José a 2km de Óbidos)
- Residencial Alcaidaria Mor (situa-se na Amoreira a 9km de Óbidos)

### Bares

A vila está dotada de vários bares e tascas, “escondidos” nas suas pequenas ruelas, onde todos eles fazem referência à tão apreciada ginja de Óbidos.

Cabe ao visitante descobrir esses mesmos bares, perdendo e envolvendo-se na beleza da “Vila Museu”.

### Acontecimentos

Devido ao vasto espólio quer histórico quer cultural, a Vila Museu apresenta um calendário de eventos culturais durante todo o ano:

- Feriado Municipal a 11 de Janeiro;
- Romaria de Santo Antão a 17 de Janeiro;
- Festa de Nossa Sra. Da Graça a 2 de Fevereiro;
- Semana Santa (festa móvel);
- Feira do Livro;
- Festa e feira de Santa Cruz a 3 de Maio;
- Festa de S.Pedro;
- Mercado Medieval;
- Semana Internacional do Piano de Óbidos;
- Festival de Música Antiga;
- Festival de Ópera;
- Festival Internacional do Chocolate;
- Vila Natal.

A análise incide sobre o número de visitantes quer nacionais quer internacionais, nos últimos 15 anos em Óbidos.

O turistas internacionais analisados são de países como Espanha, França, Inglaterra, Itália, Holanda, Alemanha, Bélgica, Suíça, Países Nórdicos, EUA, Canadá, Brasil e Japão. Segundo os dados estudados, observa-se que o país que contribui com mais número de visitantes desde 1994 a 2000 é a França, à qual se juntou a Itália e a Alemanha em 1995, registando-se um número de visitantes mais elevado que o próprio país – Portugal, e pelo menos até 97.

Em 1998, a Espanha dá entrada para o 2º lugar estatístico, tendo em 2001 chegado a 1º com um valor de 28.756 turistas. A partir de 2002 e até princípio do ano corrente (2009) o turista português assume a liderança de visitas a Óbidos.

Analisando os meses que recebem mais turistas, regista-se que esses correspondem a épocas de eventos culturais de grande importância em Óbidos, e também aos meses de Verão em que os turistas se deslocam com intenção de praticar um turismo balnear e recreativo.

Óbidos apresenta uma boa oferta turística. Isso deve-se ao facto de desde há meio século, sofrer uma grande promoção e divulgação como destino emblemático em termos de turismo cultural e ter os benefícios de uma procura que tem repercutido o aumento do interesse por Portugal como destino turístico. Isto significa que muitos aspectos da oferta estão já perfeitamente institucionalizados e que desapareceram ou foram reduzidos os eventuais erros operacionais.

Parece merecedora de interesse a questão de saber, se Óbidos está preparada para o turismo das próximas décadas e se é possível introduzir melhorias na oferta que tenham repercussão a nível qualitativo e quantitativo dos fluxos que visitam a vila. Estes factos levam a que seja necessário uma análise das características da oferta actual, quais os seus pontos fortes e fracos.

A favor de Óbidos, pesa sem dúvida, a sua divulgação e o cuidado existente na preservação das características do património construído dentro das muralhas e no arrabalde. Igualmente é positiva a preocupação com a presença de vegetação em algumas áreas da vila, a fórmula encontrada para estacionamento de viaturas, a limpeza dos espaços públicos, etc.

### Programa

O território escolhido está dividido pela extensa linha do Aqueduto em duas partes. Uma, a Nascente do Aqueduto, abrange a área actualmente ocupada pelos armazéns municipais, posto de gasolina e agências do BPI e CGD e a área do campo de futebol. A outra, a Poente, compreende a actual área de estacionamento à superfície.

O programa das actividades a instalar na área de intervenção compreende:

-Pousada da Juventude.

-Equipamentos públicos: um auditório para 224 lugares com aptidão para variado tipo de actividades e contingentes; parque de estacionamento à superfície e garagem; 3 lojas comerciais; uma loja alusiva à ginja de Óbidos, outra alusiva ao artesanato e mais uma referente à região e ao património da vila; café-restaurante, galeria para exposições e uma bilheteira para a Rodoviária existente no estacionamento.

-Aqueduto: contempla-se ainda a recuperação e valorização patrimonial do Aqueduto, ao longo do qual será criado um extenso caminho pedonal. Contracenando com as imponentes Muralhas e a Porta da Vila – já de si motivo condutor de tudo quanto se faça ao seu redor – o Aqueduto é o outro elemento estruturante da proposta.

Este tipo de programa foi cuidadosamente estudado a nível turístico. Embora seja extenso com 6 edifícios diferentes mais a rodoviária, são edifícios que se completam uns aos outros, portanto o turista que irá visitar este espaço poderá visitar todo este tipo de programa.

Todos estes edifícios estão pensados para haver uma interligação entre eles, onde o centro do projecto é o café-restaurante que aqui funcionará como um ponto de referência, e no qual é o melhor espaço para repousar e observar as muralhas da vila de Óbidos.

Por todos os meios – o edificado, o não edificado e a variada gama de espaço verde público com ou sem arborização – a intervenção deve concorrer para valorizar a presença do Aqueduto, seja em termos de enquadramento visual da sua frágil figura, seja em termos de protecção física.

O terreno para dinamizar e expandir a vila de Óbidos foi escolhido por diversas razões, uma delas e a mais forte é o facto de haver um extenso Aqueduto de 7 metros de altura a atravessar o terreno, logo isto é factor para atrair turistas e criar uma alternativa de visita, em relação às muralhas e à vila. Outra razão para o terreno eleito é que na parte Norte e Noroeste situa-se numa zona bastante escondida, ou seja, apesar de ser público está rodeado de edifícios o que lhe dá um carácter mais privado.

Nesta zona existem vários edifícios, uma residencial, a CGD, o BPI, a Barclays e três vivendas todos à mesma cota que o terreno. Estas construções acabam por funcionar como uma transição a EN-8 e o projecto (fig.21).

Apesar de visualmente constituírem várias linguagens de arquitectura com as suas fachadas muito variadas entre si, eles têm as alturas idênticas aos edifícios do projecto e portanto não existe uma ruptura entre o projecto e o construído.

Todos os vazios existentes entre estes edifícios foram pensados para funcionarem como acessos ou como uma atracção a nível visual no projecto, ou seja, num vazio poderá haver um acesso, ou poderá haver algo atractivo que pode ser um vão que se observa a partir da estrada, ou pode ser uma linha diferente a nível formal nos edifícios do projecto em relação aos edifícios da envolvente.

A Nordeste do terreno existe uma vivenda, dois armazéns municipais e uma gasolinera



fig.21



fig.22

Estes edifícios encontram-se a uma cota mais reduzida que o projecto. Para se aproveitar esta zona houve aqui também uma preocupação de o projecto ser visível a partir de EN 8, e portanto nos vazios entre os edifícios existe algo no projecto que chama o olhar do visitante e portanto logo aqui o visitante toma conhecimento que existe algo de novo para lá dos edifícios existentes. Esta EN8 é de extrema relevância porque é a via que separa o projecto e as muralhas, e é a estrada usada pelas viaturas após a saída da auto-estrada A8.

Na parte a Oeste e Sudoeste é totalmente descoberto onde se vê o Aqueduto quase na sua totalidade, onde mais uma vez a EN 8 é fundamental porque o turista toma conhecimento do estacionamento e também do projecto em si devido à estrutura do Aqueduto e suas aberturas.

Este terreno por ser um antigo campo de futebol, ele é em grande parte de nível, estando à mesma cota que o Aqueduto e do estacionamento, esta característica tornou-se um desafio porque este tipo de terreno é totalmente o oposto do que existe intra-muralhas.<sup>28</sup>

Existe apenas 2 zonas onde existe uma diferença de cotas, uma a Norte e Nordeste onde o terreno desce 5 metros, tornando-se uma zona mais baixa que o terreno escolhido, ou

A outra zona com diferença de cota é a Nascente e a Sudeste onde existe também 5 metros desigualdade tornando-se este mais elevado que o projecto.

É bem visível na actualidade a diferença de cotas, onde está bem marcada uma “dentada” no terreno (fig.23). Esta diferença acabou por servir para colocar o edifício da pousada ao longo de toda esta linha, criando assim uma barreira visível através da pousada entre todo o projecto e entre os baldios a Nascente e a Sudeste.

O visitante terá a curiosidade da saber o que há depois da pousada, mas nunca saber o que existe porque funciona como uma barreira.

Outro factor que contribui para o sucesso deste terreno é o facto de se situar a apenas 50 metros das muralhas, ou seja, as muralhas serão sempre visíveis no projecto e haverá sempre uma forte componente histórica no projecto (fig.24).



fig.23



fig.24

Apesar da proximidade entre as muralhas e este novo projecto cultural é possível criar e pensar uma linguagem contemporânea sem deixar de dar importância às muralhas.

Este projecto de expansão não foi criado para competir com as muralhas, mas sim, para haver uma alternativa, mais opções para os turistas, para haver maior escolha, e assim trazer outros tipos de turistas para Óbidos.

O projecto tem 3 acessos diferentes, o acesso mais Norte é realizado a partir de escadas que provêm de uma zona mais escondida, onde existe os armazéns, o acesso mais a Oeste é feito a partir de uma pequena rua, este acesso será o mais concorrido a nível pedonal já que é a ligação mais rápida para as muralhas.

O outro acesso é feito a partir do Aqueduto, que por si e pela a sua estrutura se desdobra em vários pequenos acessos. Este acesso será para as pessoas que virão do estacionamento, ou seja, depois de chegar ao estacionamento podem aceder imediatamente ao terreno através do Aqueduto, este acesso será obviamente o mais importante devido à existência do Aqueduto.

O estacionamento terá uma pequena estação rodoviária ao nível da superfície, onde haverá 10 lugares para os autocarros. Todo o resto do terreno, a Sul do Aqueduto, será zona de jardim com jogos de relva e de calçada de calcário, existirá caixas de água que embora pareçam postas aleatoriamente foram cuidadosamente colocadas para darem iluminação às passagens das viaturas no estacionamento subterrâneo. Estas caixas de água terão, algumas delas, um banco por perto e uma árvore.

A nível da superfície existe também o acesso que irá dar ao estacionamento subterrâneo, este acesso está encostado à EN-8.

No estacionamento subterrâneo existe 201 lugares para ligeiros e 8 lugares para pessoas de mobilidade condicionada. Há também 3 acessos verticais pedonais para ligar o estacionamento subterrâneo à superfície.

No projecto propriamente dito haverá seis edifícios de programas diferentes na zona mais a Norte do Aqueduto. Estes edifícios estão pensados tal como foram pensados os edifícios dentro das muralhas, com plantas muito irregulares, com poucas ou nenhuma paredes paralelas entre si. Visto em planta, os edifícios do projecto e os edifícios das muralhas são bastante semelhantes, ou seja, não haverá um choque ao nível da malha urbana passando por isso despercebido o novo projecto.

Entre os edifícios existem várias ruas, duas delas mais importantes com 7,5 metros de largura cada, trazendo assim para o projecto uma espécie de “Rua Direita” e a “ Rua Josefa de Óbidos”, depois existe as ruas secundárias com 5 metros de largura cada, que são perpendiculares às ruas principais.

As ruas principais serão, na maior parte das vezes, desniveladas trazendoas memórias das ruas das muralhas para o projecto, mas as inclinações serão muito ligeiras para não cansar e saturar os visitantes.

As ruas secundárias serão, todas niveladas para assim haver uma separação entre as ruas principais e as secundárias. Todas as ruas serão em calçada de calcário tal como acontece dentro das muralhas.

No projecto haverá pátios exteriores e interiores, cada edifício terá um ou mais pátios conforme o programa do edifício. A existência destes pátios no projecto deve-se ao facto de que dentro das muralhas a maioria dos edifícios terem pátios, o que tornam os edifícios mais apelativos e interessantes.

No projecto os pátios terão sempre uma árvore cada um deles, estas árvores serão de fruto tais como pereiras, macieiras, laranjeiras e oliveiras como é típico na região.

As fachadas dos edifícios serão todas elas em parede de argila ou caiadas de branco ou em placas de madeira nórdica. As paredes só serão em madeira onde existe portas, e onde a parede é de madeira esta muda de plano para dar ainda mais relevância à porta.

A linguagem usada para os vãos das paredes caiadas e das paredes de madeira será diferente. Nas paredes caiadas os vãos serão da altura do próprio edifício e com largura proporcional à altura.

Estes vãos estão divididos em vários pequenos “quadrados” através da caixilharia, tal como acontece nos edifícios da vila: todos os vãos estão divididos em 2, 4, 6, etc, partes. Nalguns destes vãos haverá aberturas e serão através da janela de correr.

Nas paredes de madeira os vãos serão mais reduzidos sendo a área menor existente de 1 m<sup>2</sup> e a área máxima de vão de 4 m<sup>2</sup>, todos estes vãos divididos em dois e abrem para o interior. Estes vãos têm 2 portadas no exterior que correm paralelamente à parede tendo o mesmo material que a parede.

Os edifícios a nível formal e de cêrcea variam de alturas, sendo esta a linguagem principal do projecto, o facto de os edifícios irem variando de cotas mas nunca existir uma quebra nos edifícios, ou seja, existe um linha continua entre os edifícios. Apesar dos edifícios dentro das muralhas terem bastantes quebras e as alturas serem variadas, este projecto consegue trazer essa característica das alturas mas de outra forma, através de uma linguagem continua e sem quebras. Estas alturas variam entre os 3,5 metros e os 7 metros de altura.

Está previsto pelo PDM de Óbidos que o terreno do projecto (o arrabalde), é considerado espaço urbano portanto todos os edificios que se construam têm de ter como cêrcea máxima 7 metros de altura, e portanto este factor foi tomado em conta no projecto.

A linguagem contínua é reforçada através das passagens existentes na cobertura que interligam os edifícios, dando assim uma linguagem única ao projecto.

Estes percursos foram pensadas devido ao facto de haver passagens também entre os edifícios dentro das muralhas, estes são em arco perfeito, as do projecto são apenas uma laje que se liga às lajes dos edifícios, tendo assim uma linguagem muito mais simples.

Passando às coberturas dos edifícios, todas elas são visitáveis, excepto a do edifício da pousada da juventude, tendo como materiais de revestimento a relva e ripados de madeira.

O principal acesso para a cobertura é feito logo a seguir à transição do Aqueduto, vindo os edifícios à cota 0, dando acesso às pessoas através de 2 rampas. Existem mais 3 acessos verticais através de escadas, um no edifício comercial, outro através do interior do café-restaurant e mais um através do auditório. A cobertura será, o local mais propício para transitar, a marcação é realizada através do ripado de madeira, no entanto as pessoas poderão também andar pela relva mas aqui não existe nenhuma barreira para anunciar o fim da cobertura, a própria relva, neste projecto funciona como anúncio dos limites da cobertura.

Só nas passagens existem guardas para garantir a segurança das pessoas.

Na cobertura existem também árvores sempre que haja um acesso, seja este através de rampas ou de escadas, ou seja, existem 5 árvores, estas são árvores solares que absorvem energia durante o dia para recarregar a bateria que é usada durante a noite para manter as luzes acesas iluminando o local. Esta energia também será utilizada no interior dos edifícios.

Perto de cada destas árvores existirá um banco, a cobertura vai descendo e os bancos continuam de nível, portanto irá dar a ideia que os bancos estarão a subir. O banco termina quando este atinge 1 metro de altura.

A iluminação será garantida também através de focos postos nos pátios virados para cima, ou seja, em todo o projecto haverá 6 grandes focos de luz que garantem a iluminação da cobertura e dos pátios.

A iluminação das ruas e dos edifícios será posta nas próprias fachadas dos edifícios tal como acontece nos edifícios dentro das muralhas. Esta nova iluminação é posta através de uma “calha” paralelamente à linha da cobertura reforçando ainda mais as linhas contínuas da cobertura.

## Pousada da Juventude

A pousada da juventude ocupa no terreno uma área de 1650 m<sup>2</sup>, e tem 19 quartos: 7 quartos com 32 m<sup>2</sup> e com 2 beliches cada; 6 quartos com 50 m<sup>2</sup> e com 3 beliches cada e 6 quartos com 68 m<sup>2</sup> e com 4 beliches cada, ou seja, a pousada está preparada para receber 112 pessoas.

Todos os quartos contêm uma varanda que varia de largura consoante a largura do quarto, ou seja, a varanda do quarto com 68 m<sup>2</sup> será maior que o quarto com os 32 m<sup>2</sup>. Nalguns quartos em vez de haver a varanda existe uma consola de madeira com vãos laterais

A pousada é dividida em 2 pisos, só existindo 2 pisos na zona dos quartos, sendo a planta dos quartos praticamente igual, havendo só umas alternâncias de quartos. As entradas dos quartos estão todos virados para um extenso corredor que é iluminado através de vãos abertos na cobertura, como existe um duplo pé direito no corredor a iluminação chega ao piso do rés-do-chão. Para os quartos há 3 diferentes acessos verticais diferentes, 2 em cada ponta do bloco do quarto e 1 no meio do bloco, e nos topos do bloco existe também as duas instalações sanitárias com 63 m<sup>2</sup>, 2 ( uma em cada piso) serão para homens e para pessoas de mobilidade condicionada e os outros 2 serão para mulheres.

Esta pousada primeiramente foi pensada para ser criada toda ela numa linha recta, mas a existência de um antigo edifício de resíduos ainda em funcionamento condicionou esta, e

A nível de planta e mesmo a nível de fachada este edifício tem uma linguagem diferente dos restantes para se poder distinguir entre o que é público e semi-público.

O acesso desta pousada é feito através de uma consola de madeira que tem maior relevância devido a este material, já que o resto do edifício é materializado através de paredes caiadas pintadas de branco. Junto deste acesso há um pátio onde as pessoas residentes e não residentes à pousada poderão ir.

Já dentro da pousada há a recepção com 24 m<sup>2</sup> e uma zona de estar com 60 m<sup>2</sup>, esta zona dará acesso à cantina através de um estreito corredor finalizado com um grande vão.

A cobertura tem várias inclinações, vai subindo e descendo entre os 6 e os 7 m de altura, a cobertura será de relva não visitável, a extensa rua que acompanha a pousada também será a ser inclinada.

De salientar é o facto de que os edifícios (galeria e café-restaurante) que estão à frente da pousada não têm vãos virados para a pousada provocando uma certa privacidade à pousada embora a rua seja totalmente pública.

### Auditório

O auditório ocupa no terreno aproximadamente 1000 m<sup>2</sup>, contém uma pequena zona de entrada com 300 m<sup>2</sup> para receber todos os visitantes, e funciona como uma transição entre a rua e o auditório, existindo ao centro um pátio com 76 m<sup>2</sup>. Há instalações sanitárias que ocupam 31 m<sup>2</sup>, existe um pequeno corredor que dá acesso ao auditório, este remata para com um grande vão. Existe também um pequeno corredor em rampa que dará acesso a uma sala de reuniões e de recepção para os convidados, ocupa 111 m<sup>2</sup>. O auditório tem 224 lugares e ocupa 390 m<sup>2</sup>.

### Edifício da zona comercial

O edifício da zona comercial está basicamente dividido em 3 partes, uma para a loja alusiva à ginja que ocupa 140 m<sup>2</sup>, outra para a loja alusiva ao artesanato da região que ocupa 157 m<sup>2</sup> e outra parte para a loja alusiva à região e ao património que ocupa 204 m<sup>2</sup>.

Entre estas lojas existem 2 zonas de entrada que funcionam mesmo como a divisória entre as lojas, um frente a estas zonas de entrada existe um pátio que marca assim também a divisão entre cada loja.

Este edifício tem instalações sanitárias públicas, onde o visitante poderá usá-las sem ter que entrar nas lojas. Existe também dois sistemas de recolha de águas pluviais, um através de um tanque que irá armazenar as águas, e outro, que recebe as águas e as põe logo a correr nos edifícios.

### Edifício do café-restaurante

O edifício do café-restaurante ocupa 1750 m<sup>2</sup>, este tem duas entradas que se fazem, uma, através de uma das ruas principais e, outra, através da esplanada do bar.

Este edifício possui um bar que tem 400 m<sup>2</sup>, uma recepção ao café-restaurante que ocupa 130 m<sup>2</sup>, a zona de restaurante que tem 275 m<sup>2</sup> (que se encontra no interior do edifício), existindo outra zona de restaurante (uma esplanada que está a 3,5 metros de altura da cota de soleira), ou seja, está entre a cota de soleira e a cota de cobertura e tem igualmente 275 m<sup>2</sup>, no seu conjunto a zona de restaurante tem 550 m<sup>2</sup>. Neste edifício existe também uma zona de jogos com 200 m<sup>2</sup> que tem vários tipos de actividades. Entre esta zona de jogos e a zona de restaurante existe um pátio com 84 m<sup>2</sup> onde as pessoas que estão dentro do edifício poderão visitá-lo, como também poderá ser visitado pelas pessoas que estão na rua.

O edifício para a galeria de exposições ocupa no terreno 995 m<sup>2</sup>, tem apenas uma entrada, e antes da entrada existe um pátio que funciona como transição entre a rua e o edifício, este pátio ocupa 117 m<sup>2</sup>. Dentro do edifício existe uma zona de entrada com 103 m<sup>2</sup>, uma recepção com 17 m<sup>2</sup>, depois existe um pequeno corredor que dá acesso à galeria, onde existe um percurso definido para visitar a galeria. Este percurso é definido pelo pátio que se encontra ao centro da galeria, sendo o percurso feito em redor do pátio. O edifício para a bilheteira da rodoviária ocupa 300 m<sup>2</sup>, tem uma zona de espera para filas com 157 m<sup>2</sup> e uma recepção com 34 m<sup>2</sup>, contém também um pátio que tem 50 m e tem acesso tanto do interior do edifício como do exterior.

### Questões técnicas e construtivas

Óbidos nos últimos anos tem vindo a introduzir uma política ecológica em vários, ainda muito recentemente, todos os candeeiros da via pública da vila foram substituídos por lâmpadas mais ecológicas e longo duração. Neste tenta-se continuar com o mesmo tipo de política.

A introdução de vários elementos sustentáveis tais como a árvore solar, a recolha e armazenamento de águas pluviais e a cobertura verde, para além serem ecológicos dão, também, um ar novo à vila, o projecto torna-se mais leve com estes elementos.

Todos estes componentes podem parecer um pouco o oposto do que acontece na vila, eles de forma alguma são elementos de dissonância em relação Intra-muralhas porque apesar de a zona ser rica em história e ser bastante antiga, ela não é intocável e portanto pode-se introduzir um pouco de tecnologia e inovação.

Um aspecto necessário deste projecto é que o próprio edifício é a estrutura, ele tem de ser em betão armado, para poder sustentar a cobertura visitável, tem estrutura tem isolamento térmico de 8 cm e pelo o exterior e interior tem um reboco armado caiado de branco, excepto em outros planos onde existirá madeira quer no exterior e interior.

### Bibliografia geral

- BENEVOLO, Leonardo – **A cidade e o arquitecto**. Lisboa: Edições 70, 1984.
- BENEVOLO, Leonardo; MELOGRANI, Carlo; LONGO, Tommaso – **Projectar a cidade moderna**. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- CALVINO, Italo – **Seis propostas para o próximo milénio**. 2ª ed. Lisboa: Editorial Teorema, 1992.
- CALVINO, Italo – **As cidades invisíveis**. Lisboa: Editorial Teorema, 1993.
- DEAN, Corinna; O'KELLY, Emma – **Rehabilitaciones**. Barcelona: Art Blume, 2007.
- FERNANDES, José Manuel – **A arquitectura**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.
- FERNANDES, José Manuel – **Cidades e arquitecturas**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.
- FUSCO, Renato – **A ideia de Arquitectura**. Lisboa: Edições 70, 1984.
- GOITIA, Fernando Chueca – **Breve História do Urbanismo**. 2ªed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- JENCKS, Charles – **Movimentos modernos em Arquitectura**. Lisboa: Edições 70, 1985.
- JONHSON, Phillips; WIGLEY, Marc – **Deconstructivist Architecture**. New York: Museum of Modern Art, 1998.
- KRONENBURG, Robert – **Flexible, Arquitectura que integra el cambio**. Barcelona: Art Blume, 2007.
- KOOLHAAS, Rem – **Small, Medium, Large, Extra-Large**. New York: The Monacelli Press, 1995.
- KOOLHAAS, Rem – **Delirious New York**. Roterdão: 010 Publishers, 1994. (orig. 1978)
- LAMAS, José M. Ressano Garcia – **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: FCG; JNICT, 1992.
- LE CORBUSIER – **Maneira de pensar o Urbanismo**. Lisboa: Publicações Europa América, 1970.
- LYNCH, Kevin – **Imagem da Cidade**. Lisboa: Edições 70, 1982.
- PANOFSKY, Erwin – **Idea: A Evolução do Conceito de Belo**. São Paulo: Ed. Martins Fonte, 1994.
- RODRIGUES, Maria João – **O que é arquitectura**. 1ªed Coimbra: Quimera Editores, 2002.

### Bibliografia específica

PDM de Óbidos.

Código de Posturas Municipais de Óbidos.

Cartografia de Óbidos.

BOTELHO, Joaquim – **Óbidos Vila Museu**. 2ª ed Óbidos: s/e., 1996.

CUNHA, Rui – **Óbidos - Um convite a olhar**. Lisboa: Quetzal Editores – Sociedade Editora e Livreira, S.A., 1995.

ALVES, Afonso Manuel; LIMA, Luís Leiria – **Óbidos, Recantos do Tempo**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

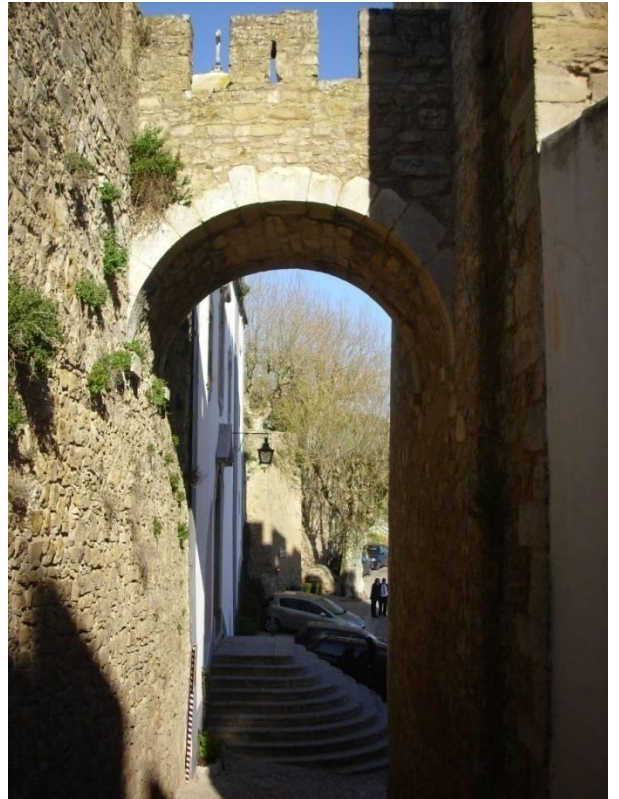
RODRIGUES, Ana Rita – **Turismo no Oeste, Porquê?**. Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras.

VELOSO, Miguel; LIMA, Sérgio – **Região de Turismo do Oeste**. Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Tecnologia de Mar, Peniche: 2002/03.

BATISTA, José Augusto; SANTOS, Luís Carlos – **Ciências Naturais Dicionário escolar**. Lisboa: Texto editora, 1993.

CÂMARA, Maria Bettencourt da – **Arquitectura e Urbanismo**. Lisboa: Imprensa Nacional

# Fotografias da vila de Óbidos

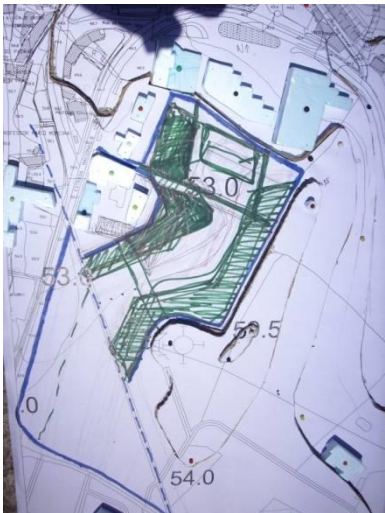


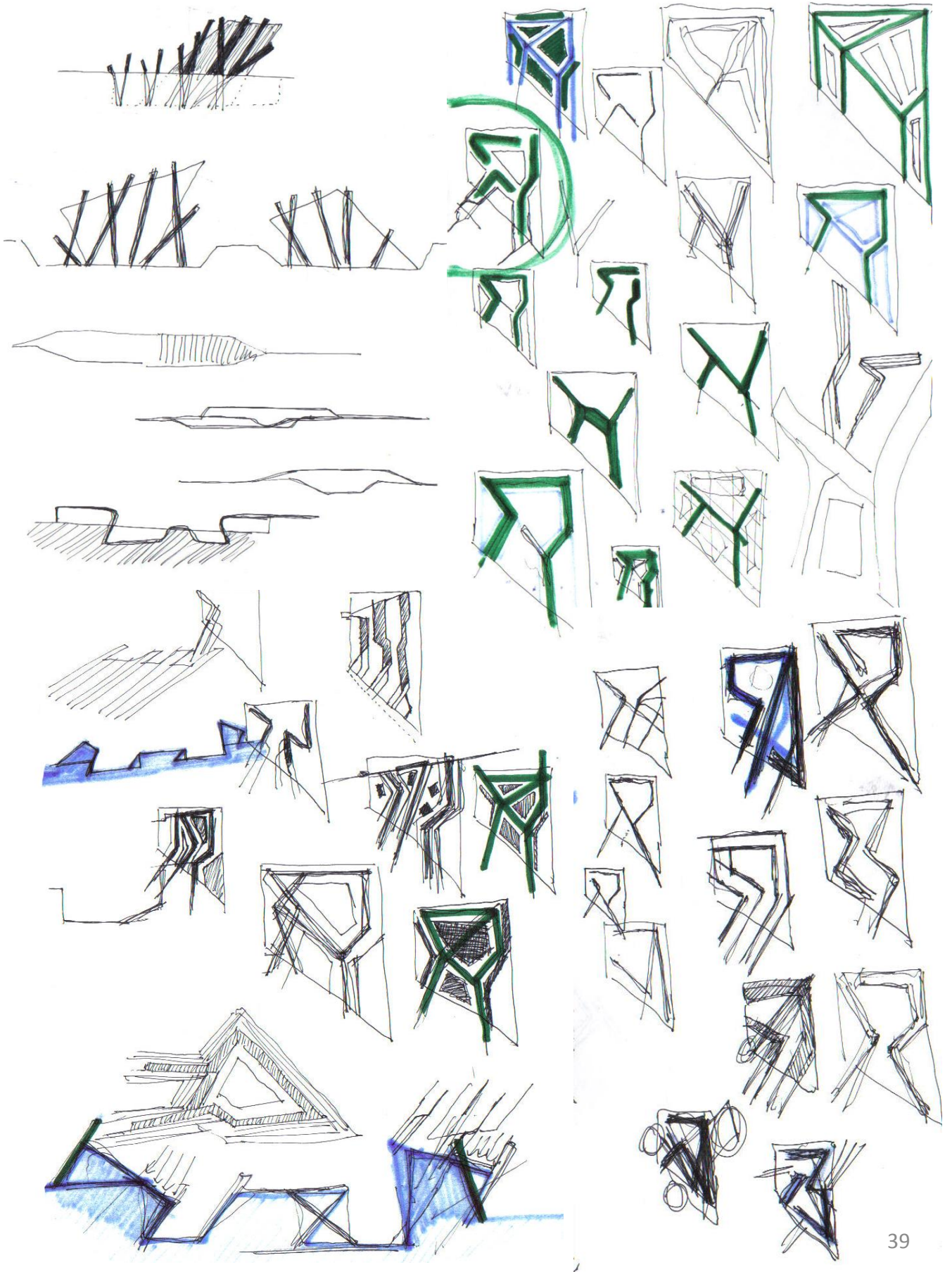
Fotografias do terreno

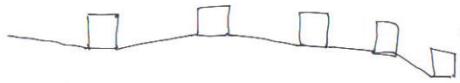
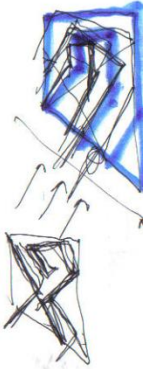
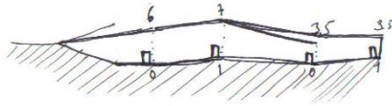
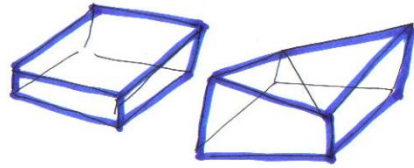
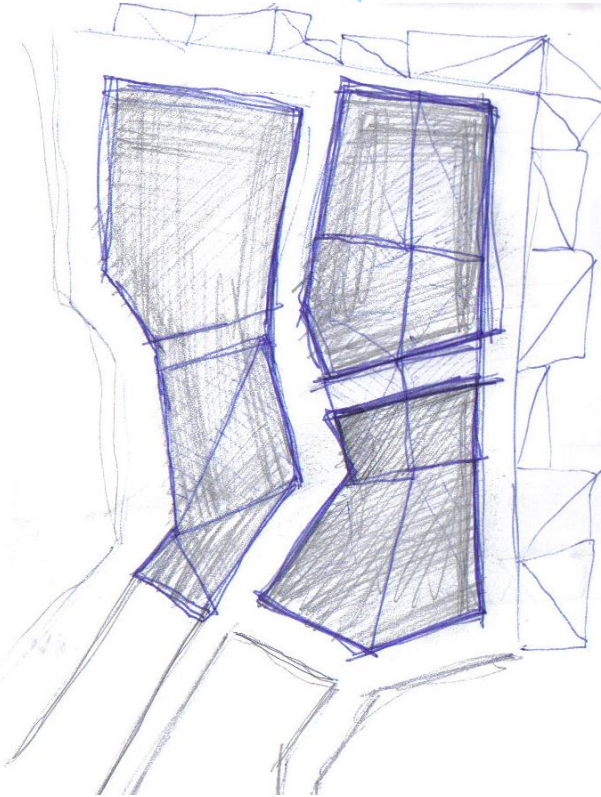
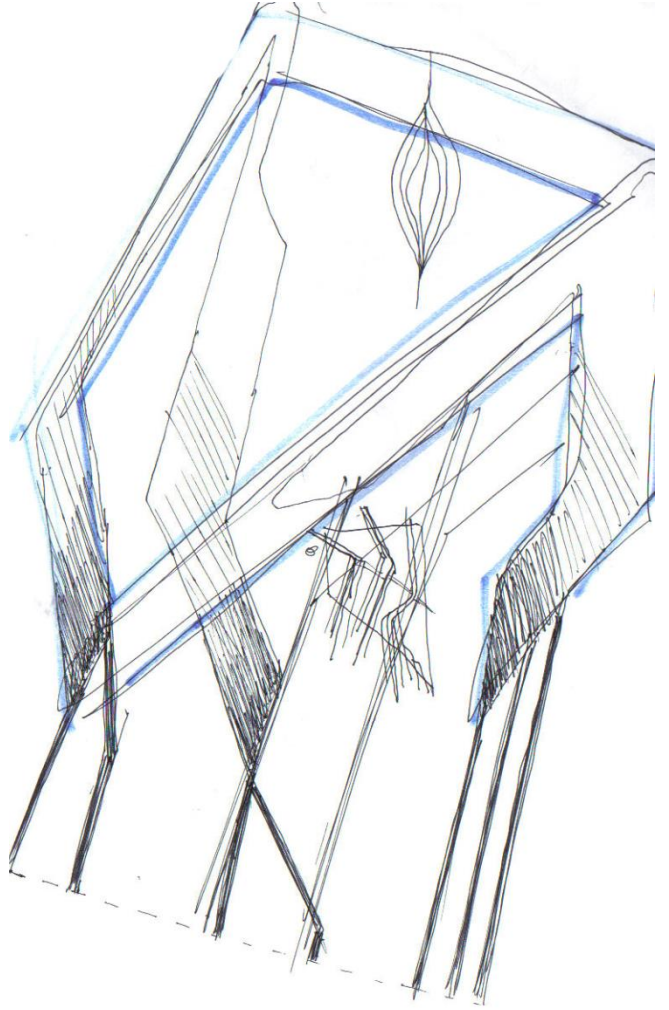
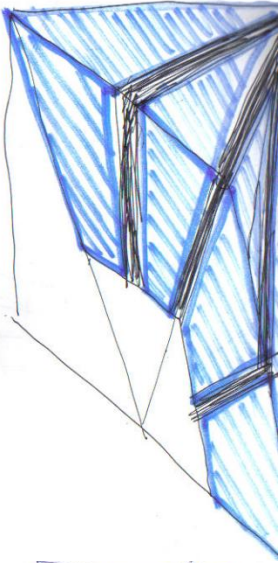


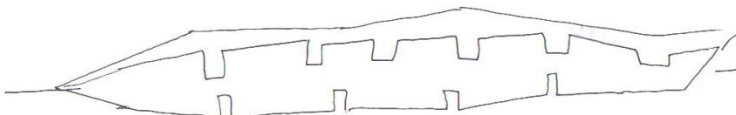
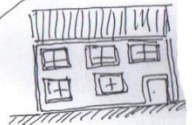
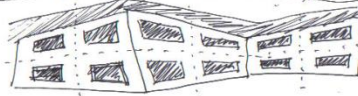
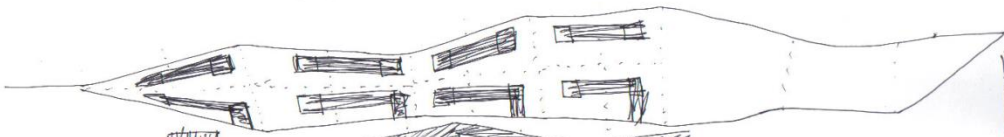
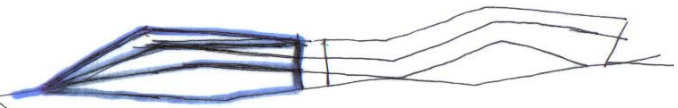
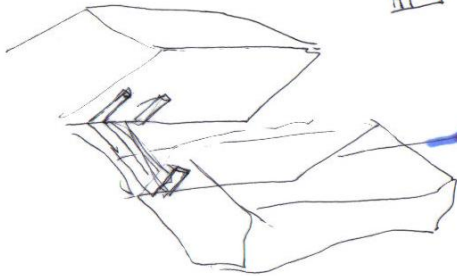
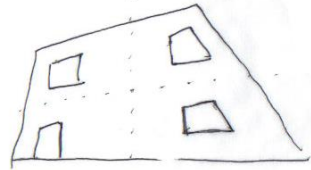
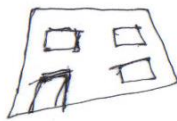
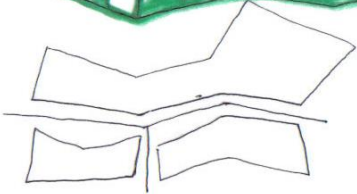
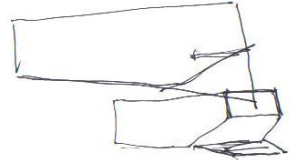
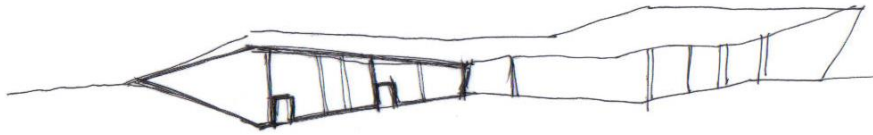
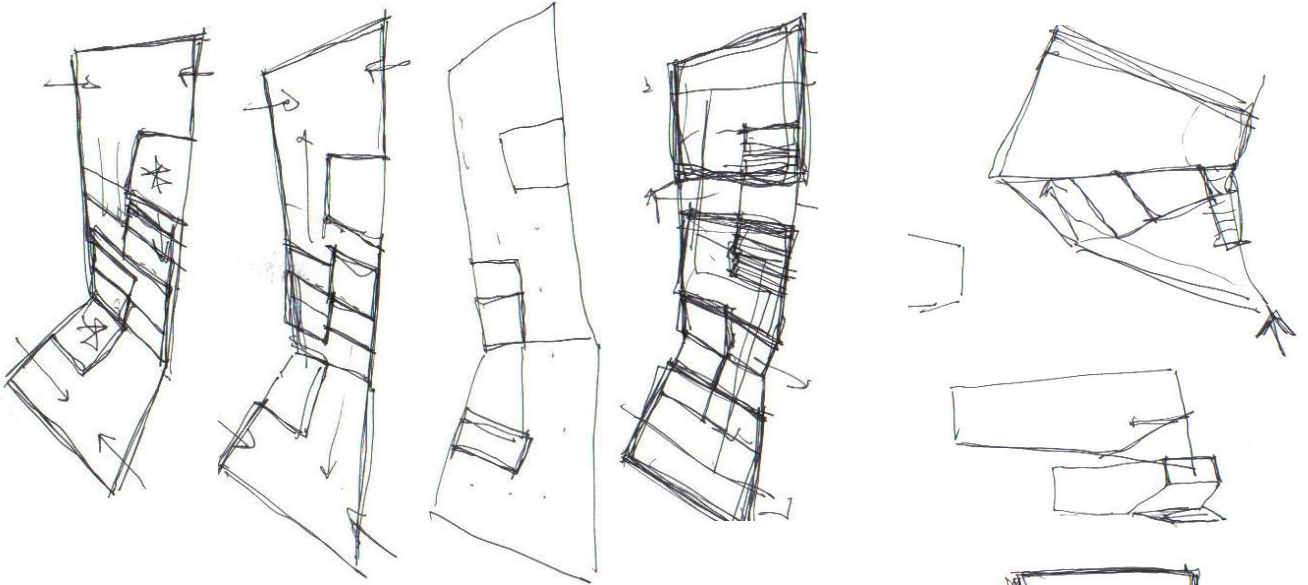


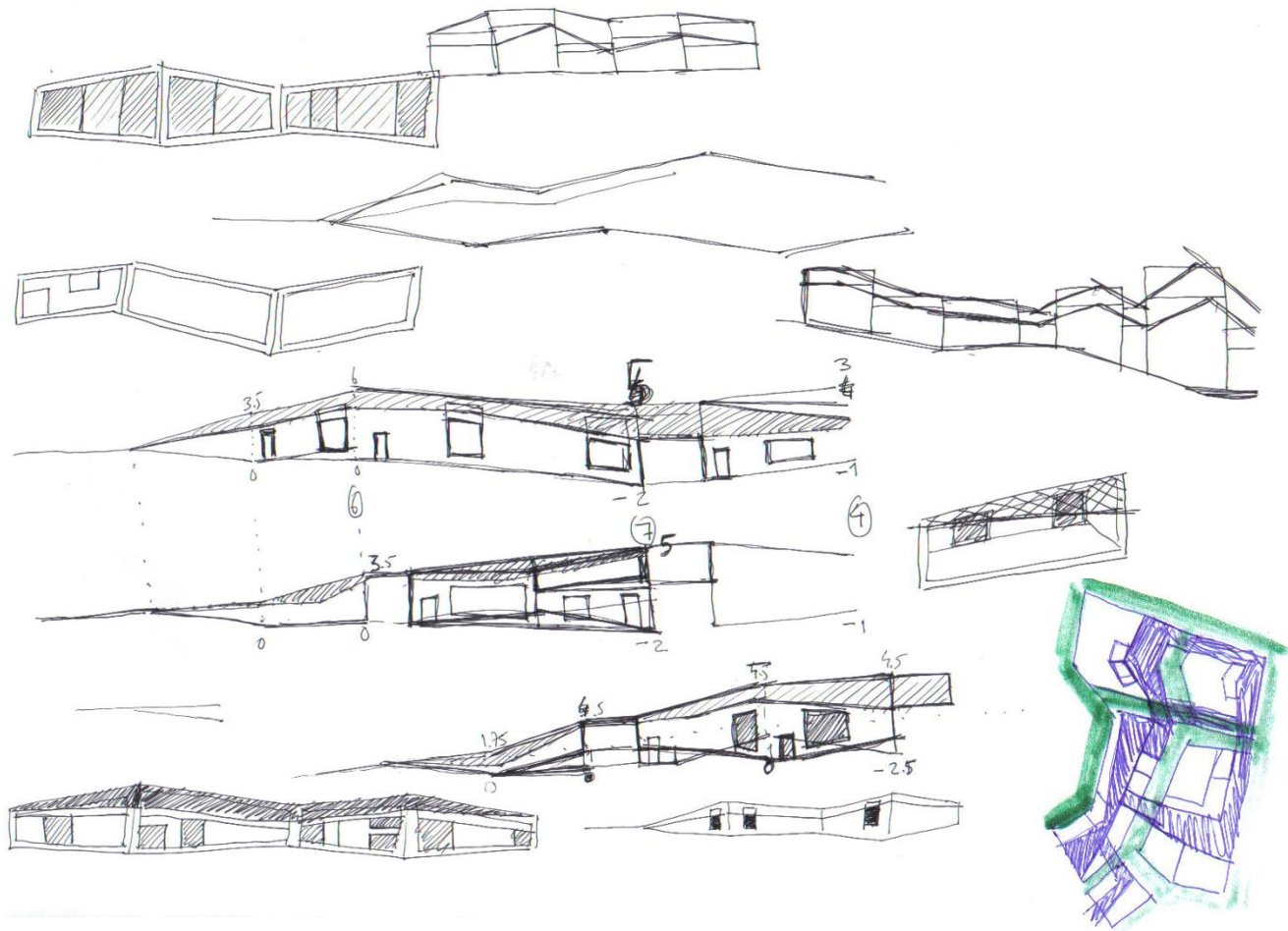
Fotografias da maquete de estudo

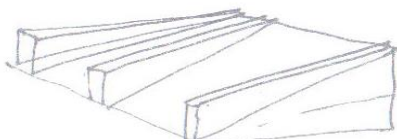
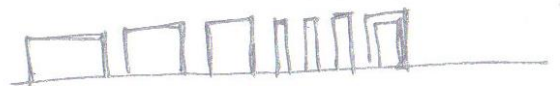
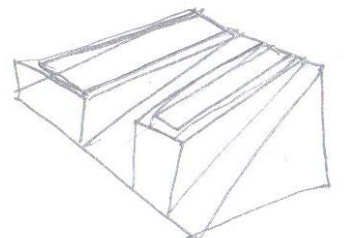
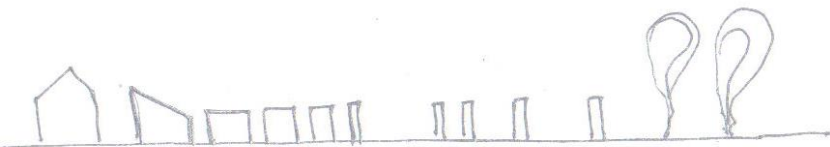
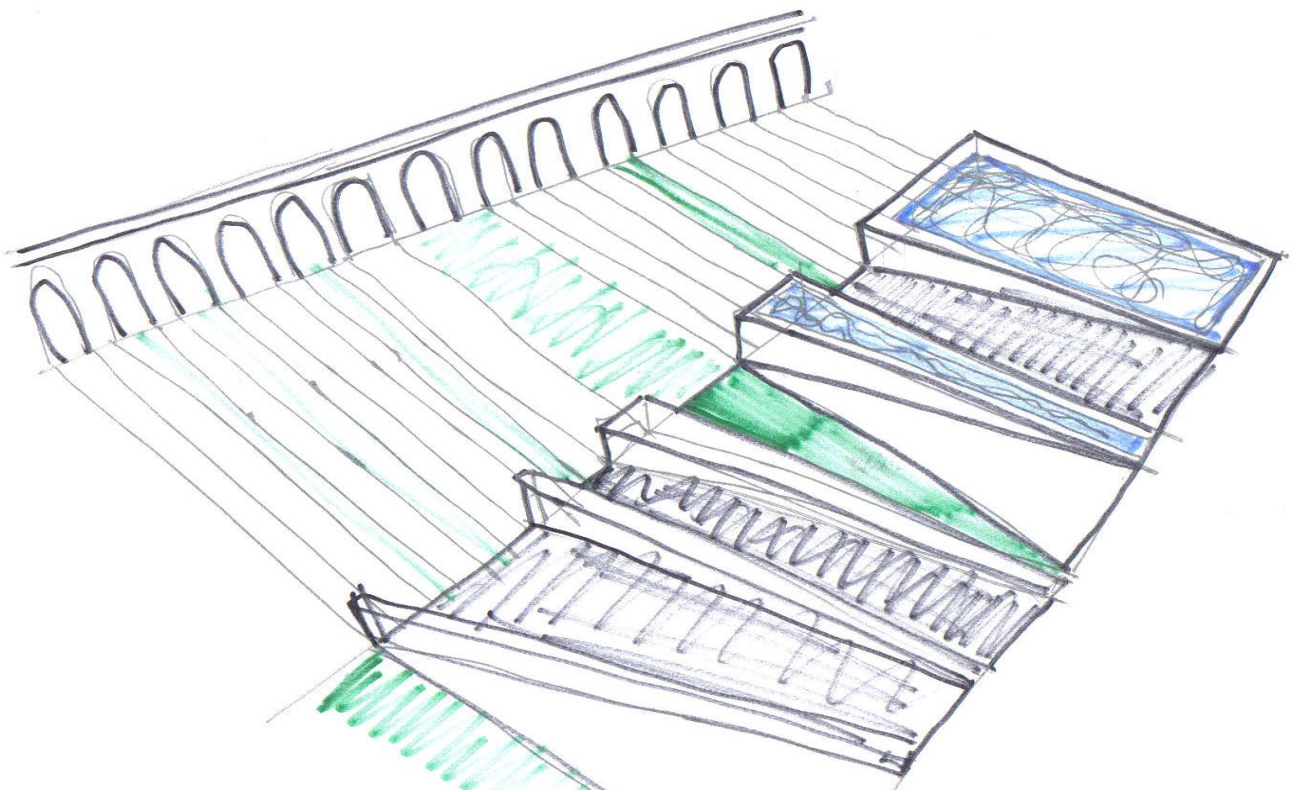
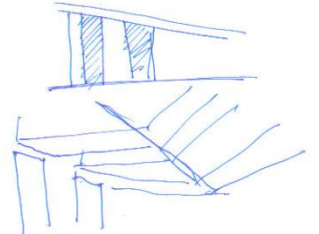
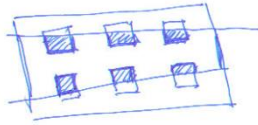
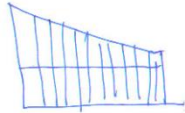
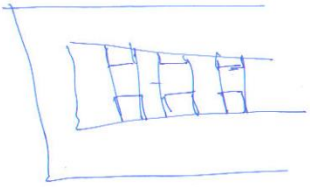
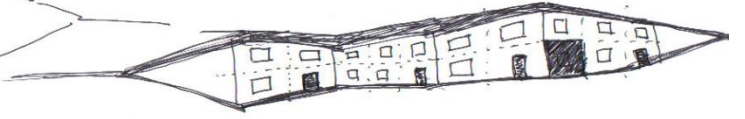
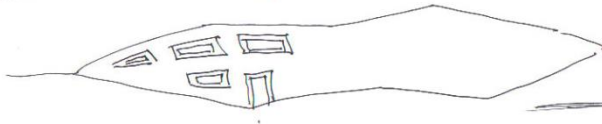
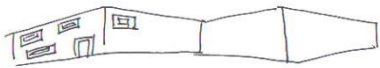


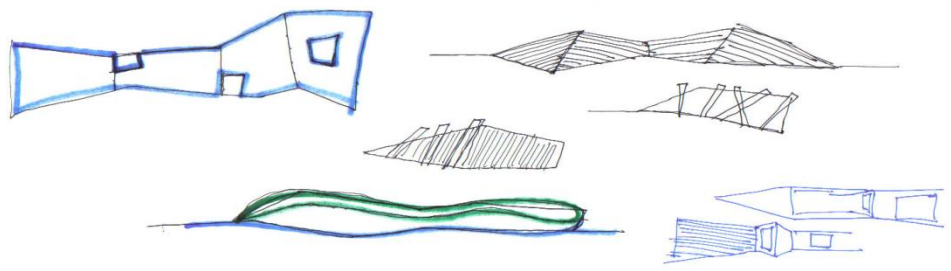
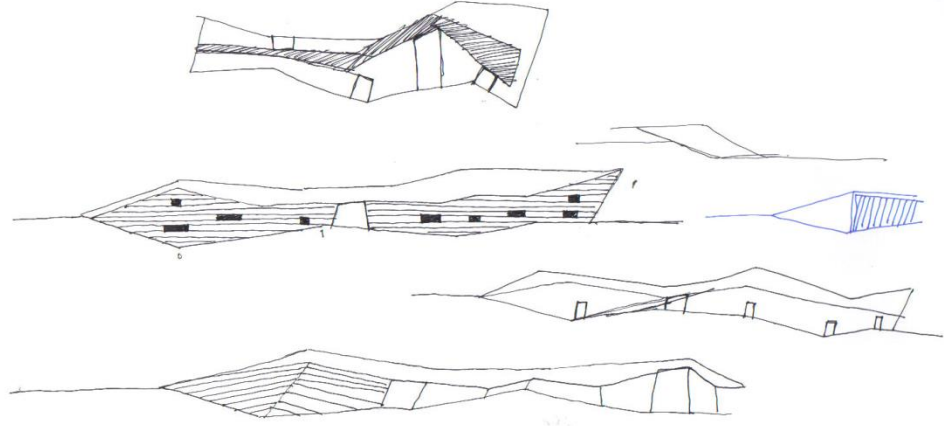
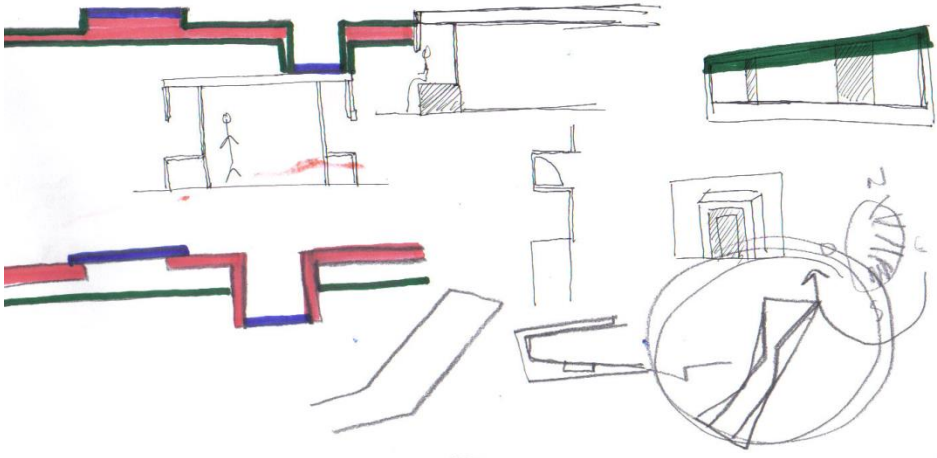
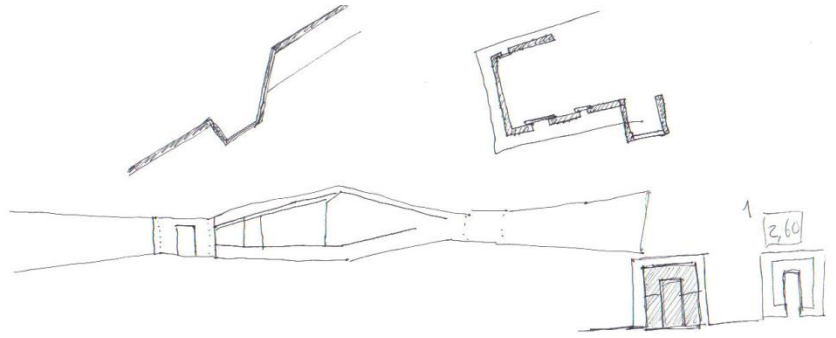
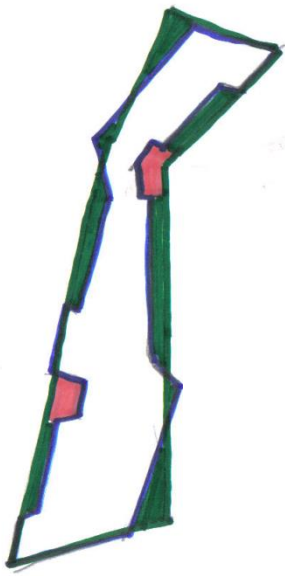




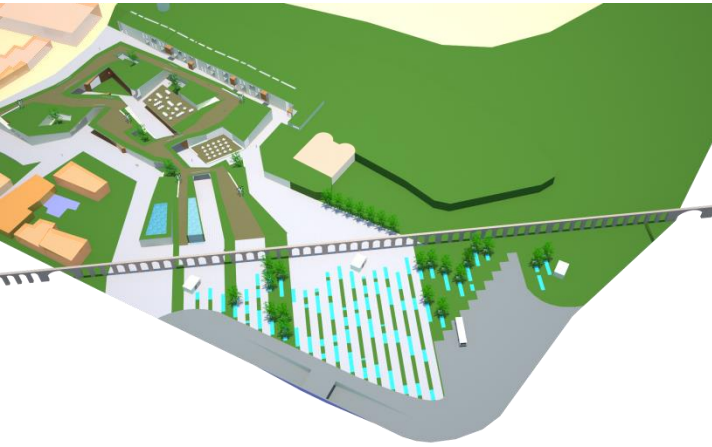




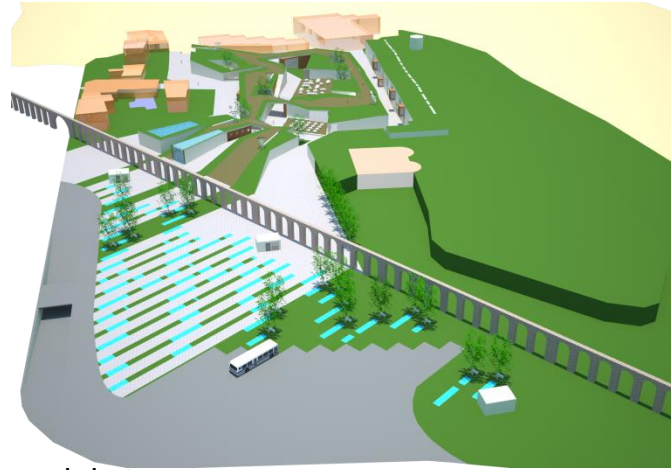




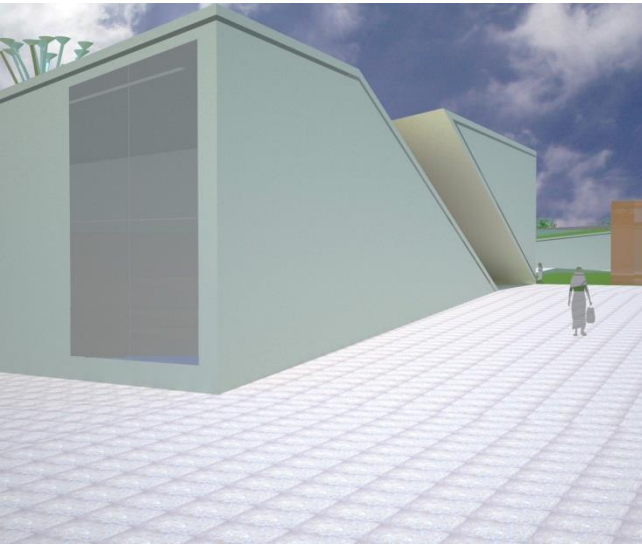
# Renders



Vista geral do terreno



Vista geral do terreno



Vista do Auditório



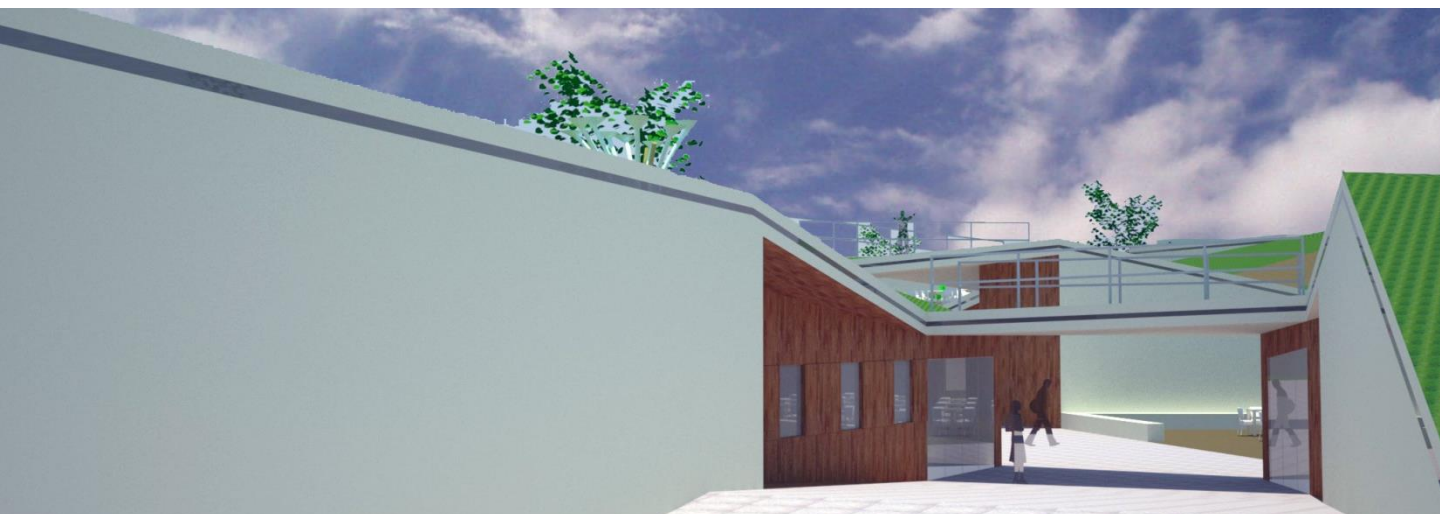
Vista da esplanada do bar



Vista do Auditório e da zona comercial



Vista do Auditório e da Galeria



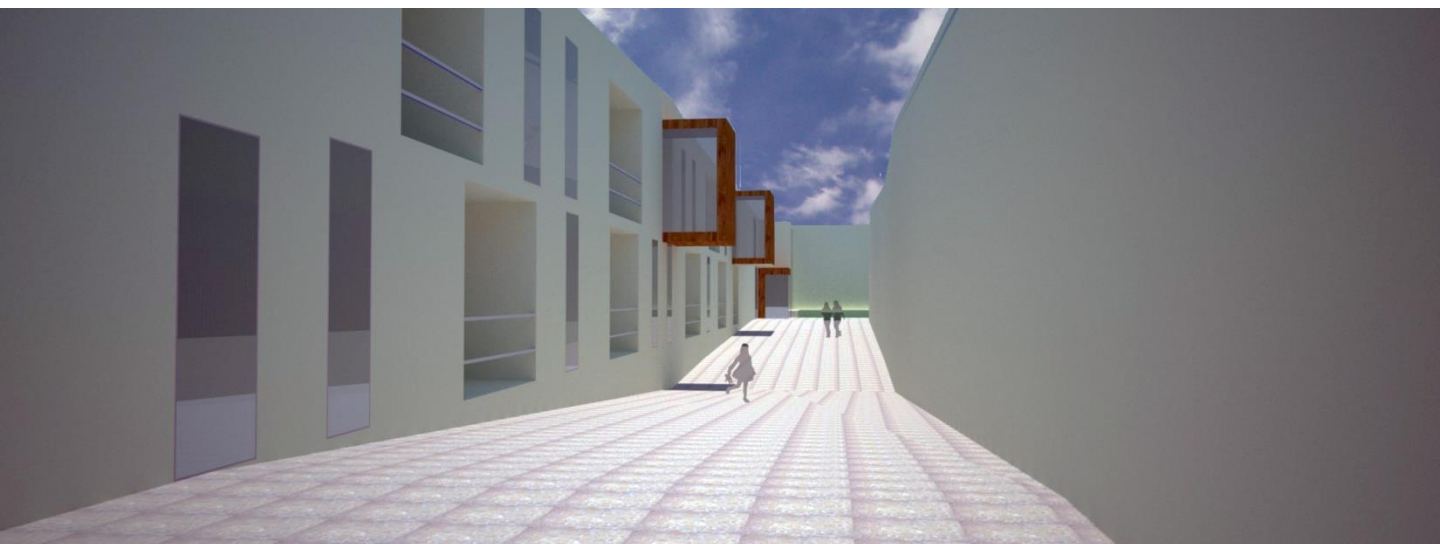
Vista da zona comercial e da bilheteira da rodoviária



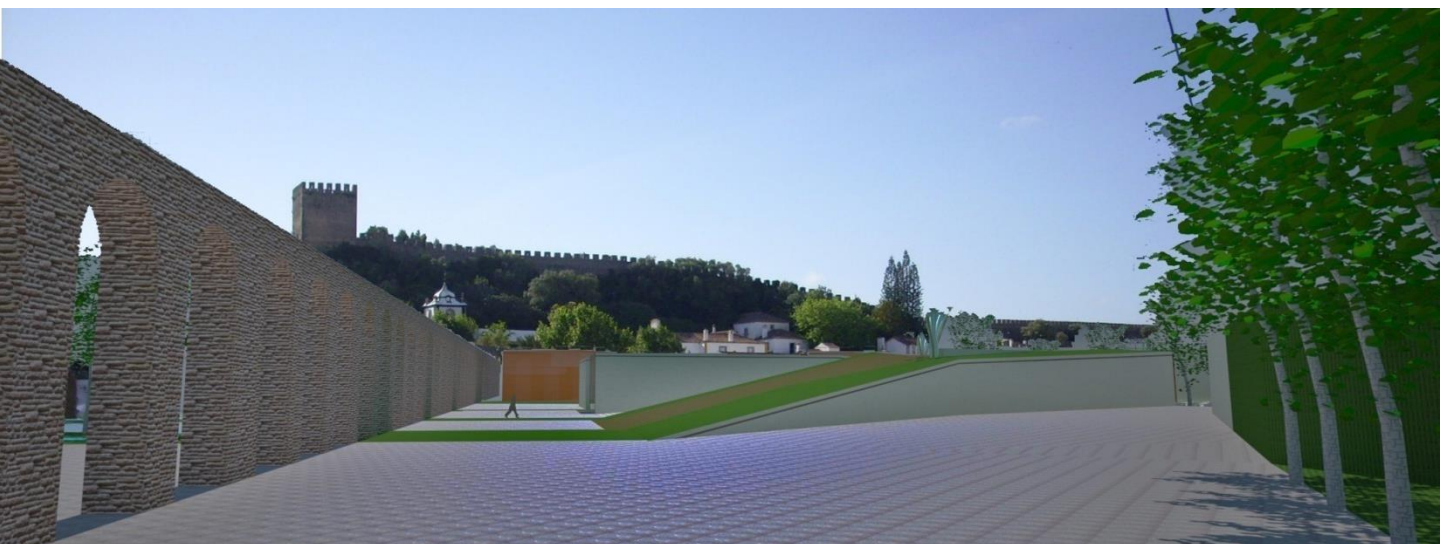
Vista da bilheteira da rodoviária e da zona comercial



Vista do pátio da rodoviária, da esplanada do bar e da zona comercial



Vista da Pousada da Juventude e da Galeria



Vista do Aqueduto e da bilheteira da rodoviária



Vista do Auditório



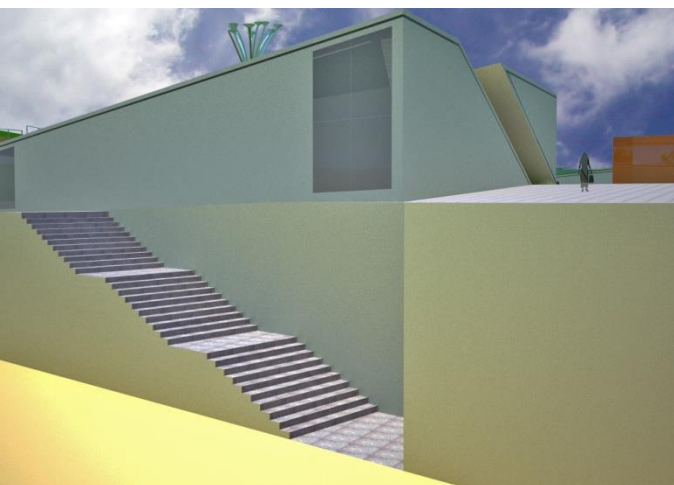
Vista da cobertura do terreno



Vista da Galeria



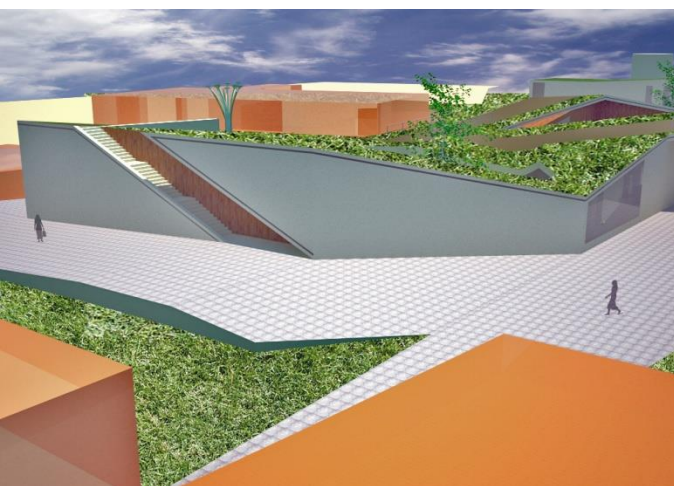
Vista da cobertura do edifícios e esplanada



Vista do acesso nordeste e Auditório



Vista do Auditório e Galeria



Vista do Auditório



Vista da zona comercial e respectivo pátio